



O papel dos *media* na expansão do medo nos casos de *school shootings* no Brasil

Dissertação de Mestrado em Criminologia realizada sob a orientação da Professora Doutora

Ana Sofia Antunes das Neves

Ana Luísa Dessoy Weiler, n.º 35820

Julho, 2020

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus pelo Seu cuidado, força e por me mostrar todos os dias que “para tudo há um tempo, para cada coisa há um momento” (Ecle, 3:01).

Agradeço a minha orientadora, Professora Ana Sofia Neves, que desde o primeiro momento acreditou no meu potencial, me apoiando e suportando, aconselhando e sendo inspiração durante todo esse caminho.

Agradeço também a todo Grupo de Investigação, lugar aonde pude compartilhar angústias, dúvidas e encontrar pessoas a quem recorrer durante as dificuldades.

Um especial agradecimento à minha Professora da Graduação e amiga, Eloísa Nair de Andrade Argerich, por sempre estar a disposição para me ajudar quando necessário, tanto na minha escrita quanto na busca de alguns materiais e incentivo de seguir em frente.

Aos meus pais Marcos e Rosane e ao meu irmão Marco Arthur não há palavras o suficiente que expressem minha gratidão e amor por todo apoio, confiança, inspiração e motivação. Sem vocês nada disso teria sentido. Amo muito vocês!

Por fim, gratidão e amor ao meu namorado João, meus familiares e amigos que sempre me motivaram, torceram por mim e me abraçaram - mesmo que à distância -, não podendo deixar de mencionar a minha Família do Porto, e as minhas amigas Alana Bonamigo, Bruna Schmitz, Luiza Branco e Alice Paiva. Muito obrigada e amo vocês!

Foi uma jornada linda que para mim marca o fim de um ciclo em Portugal e o retorno ao Brasil, e por isso só agradeço pelos amigos que fiz, pelo Sr. Aníbal e Dona Marcelina Costa que me ensinaram muito sobre o café português e a vida de imigrante e a Família Charilo's que me abraçou e me deu um lugar para chamar de lar. Por tudo o que aprendi e pela oportunidade de estar novamente neste País, toda minha gratidão!

Resumo

O presente trabalho teve como principal objetivo compreender qual a influência dos *media* na expansão da cultura do medo ao noticiar casos de *school shootings*, dando especial atenção ao Massacre de Suzano, ocorrido no dia 13 de março de 2019, em São Paulo/Brasil. Para tanto, foram realizadas análise de conteúdo em 23 reportagens do Jornal Folha de São Paulo, publicadas entre os dias 14 e 20 de março de 2019 e análise descritiva simples em inquérito por questionário, respondido por 85 professores/as de diversas partes do Brasil sobre o impacto causado pelo Massacre de Suzano em suas vidas pessoais e profissionais.

Com a análise dos resultados, concluiu-se que os *medias* por vezes utilizam mensagens sensacionalistas, que aumentam o medo dos leitores e fazem parecer que os *school shootings* são um fenômeno mais comum de acontecer como na realidade, o que fica demonstrado a partir do enquadramento teórico e discussão dos resultados.

Palavras-Chave: *School shootings*; *medias*; cultura do medo

Abstract

The main goal of this work was to understand the influence of the media in the expansion of the culture of fear when reporting cases of school shootings, paying special attention to the Suzano Massacre, which took place on March 13, 2019, in São Paulo / Brazil. To this end, content analysis was carried out in 23 reports in the Folha de São Paulo newspaper, published between March 14 and 20, 2019 and a simple descriptive analysis in a questionnaire survey, answered by 85 teachers from different parts of Brazil about the impact of the Suzano Massacre on their personal and professional lives.

With the analysis of the results, it was concluded that the media sometimes use sensational messages, which increase the readers' fear and make it seem that school shootings are a more common phenomenon to happen as it is in reality, which is demonstrated from the theoretical framework and discussion of results.

Keywords: school shootings; media; culture of fear.

Índice

Introdução.....	1
Parte I – Enquadramento teórico.....	3
Capítulo 1 – O Papel dos <i>media</i> na expansão do medo.....	3
1. Conceito de <i>media</i> e sua influência social.....	3
2. Normativos aplicáveis à prática jornalística no Brasil.....	7
3. Influência dos <i>media</i> na expansão da cultura do medo.....	9
Capítulo 2 - <i>School shootings</i>	12
1. Conceito e enquadramento histórico-social do fenómeno <i>School shootings</i>	12
2. Teorias explicativas do fenómeno	14
2.1. Teorias individuais.....	15
2.2. Teorias familiares.....	16
2.3. Teorias sociais.....	17
3. <i>School Shootings</i> no Brasil.....	20
4. Abordagem mediática do <i>School Shootings</i> e seus efeitos.....	23
Parte II – Método.....	26
1. Introdução.....	26
2. Problema de Investigação e Questões de Partida.....	26
3. Objetivo Geral e Objetivos Específicos.....	27
4. Caracterização da Amostra.....	27
4.1. Participantes.....	27
4.2. Reportagens.....	28
5. Técnicas de Recolha de Dados.....	28
5.1. Inquérito por questionário.....	28
5.2. Grelha de registo das reportagens	29

6. Procedimentos.....	29
6.1. Inquérito por questionário.....	29
6.2. Reportagens.....	30
7. Técnicas de Tratamento e Análise de Dados.....	30
7.1. Inquérito por questionário.....	30
7.2. Reportagens.....	31
8. Resultados.....	31
8.1. Inquérito por questionário.....	31
8.2. Reportagens.....	42
9. Discussão dos Resultados.....	45
Parte III - Considerações Finais.....	49
Referências Bibliográficas.....	51
Anexo I – Grelha de Registo.....	61
Anexo II – Dados das Reportagens.....	64
Anexo III – Dados do Inquérito por questionário.....	68
Anexo IV - Descrição do Massacre de Suzano pelos participantes do questionário.....	72

Introdução

A presente dissertação tem como temática central o papel dos *media* na expansão do medo nos casos de *school shootings* no Brasil. Para isso, tem como objetivo compreender qual o papel desempenhado pelos *medias* na atualidade no que diz respeito à expansão do medo na mediatização dos crimes, com atenção ao último caso de *school shootings* ocorrido no Brasil, conhecido como Massacre de Suzano.

O Massacre de Suzano, ocorrido em 13 de março de 2019 na Escola Estadual Raul Brasil em Suzano, em São Paulo, aonde dois ex-alunos da instituição invadiram a mesma portando um revólver, uma besta e um machado, deixando um total de oito mortos, justifica a escolha da temática uma vez que incitou a busca de respostas sobre a relação dos *medias* com o fenômeno do *school shootings*.

Para Budó (2006), os *media* abordam os crimes de grande gravidade com um sensacionalismo que contrapõe a real função do jornalismo, que é transmitir a verdade para a população, atingindo dois planos de efeito, que para Hügel (2000) dizem respeito a produção de um medo irrealista frente a criminalidade, o que causa o segundo plano de efeito na construção de uma política criminal mais rígida. Nesse sentido, no que diz respeito aos crimes em massa, os *media* não tardam em apresentar sua versão dos factos, escavando a vida dos agressores, transformando algumas das tragédias em filmes ou documentários, como é comum acontecer com os *school shootings* nos Estados Unidos da América.

O fenômeno conhecido como *school shootings* faz parte dos tiroteios em massa e dizem respeito aos tiroteios em escola aonde um aluno ou ex-aluno têm como alvo sua instituição de ensino para fazer o maior número de vítimas possíveis e, frequentemente, se suicidar após o ataque (Rodrigues, 2017; Schildkraut & Elsass, 2016). O tratamento dado pelos *media* a esse fenômeno pode disseminar uma cultura do medo (Glassner, 1999) e, ainda, gerar o efeito

copycat aonde indivíduos que tenham o mesmo sentimento dos atiradores se sintam compreendidos e capazes de realizar a mesma atrocidade para atingir seus objetivos (Coleman, 2004).

Sendo assim, importante se faz tentar entender esse fenômeno e a dinâmica dos *media* na sua reprodução para a sociedade, buscando assim formas de preparar e prevenir as instituições de ensino para esses ataques, bem como a sugestão de uma normatização para os *media* agirem de modo que não gere medo sem que isso afete o direito a liberdade de expressão.

A primeira parte desta dissertação é dividida em dois capítulos, com o objetivo de compreender teoricamente as *medias* sociais, sua evolução, normatização e relação com a criminalidade e com a cultura do medo. Em um segundo momento, entender o que é o fenômeno do *school shootings*, sua evolução, teorias explicativas e sua relação com os *media*, o histórico do fenômeno no Brasil, bem como o *copycat effect* e demais consequências da midiatização do mesmo.

A segunda parte engloba as metodologias utilizadas, desde os problemas de investigação até a apresentação dos resultados obtidos pela análise de reportagens do Jornal Folha de São Paulo, sobre o Massacre de Suzano, ocorrido em 13 de março de 2019 e pelas respostas colhidas em inquérito por questionário respondido por 85 professores/as brasileiros acerca do efeito do fenômeno *school shootings* em suas vidas. Finalizando com uma terceira parte aonde serão feitas as análises críticas do estudo na forma de considerações finais, com recomendações para investigações futuras¹.

¹ A presente dissertação de mestrado foi formatada de acordo com a 6ª edição da APA.

Parte I – Enquadramento teórico

Capítulo 1 - O Papel do *media* na expansão do medo

O presente capítulo tem como finalidade conceituar os *media* demonstrando sua influência na formação da opinião pública. Aborda, também, sobre a perspectiva da Criminologia, os normativos aplicáveis para os profissionais das diversas áreas da comunicação social, com ênfase para o jornalismo, destacando-se a conduta ética que deve ser observada para noticiar comportamentos criminosos e o suicídio.

Por fim, discute-se qual a influência dos *media* na expansão da cultura do medo, a qual será conceituada e exemplificada para melhor compreensão deste fenômeno que, na atualidade, assume proporções significativas, uma vez que a sociedade moderna não mais acredita em contos e histórias outrora passadas de geração em geração, para vivenciar situações reais e concretas que são transmitidas diariamente pelos programas de telejornalismo e entretenimento.

1. Conceito de *media* e sua influência social

O termo *media* é utilizado desde a primeira metade do século XX para designar os meios de comunicação das massas, sendo constantemente influenciado pela evolução das tecnologias. Segundo Ferreira (2018), os *media* podem se referir “às diversas organizações e instituições sociais que produzem determinadas formas de comunicação pública, como os *mass media*”, “aos produtos materiais e culturais concretizados por essas instituições”, além de se designar o processo pelo qual a informação passa até ser representada, produzida e recebida pelos consumidores.

Desde o surgimento dos *media*, vários foram os seus processos de evolução, tanto tecnológico, quanto institucional e cultural, sendo objeto de estudo ao longo da história, cabendo aqui ressaltar as Escolas de Frankfurt, na Alemanha, e a Escola de Chicago, nos Estados Unidos da América.

A Escola de Frankfurt, na Alemanha, foi fundada em 1924 e teve como principais representantes Max Horkheimer e Theodor W. Adorno, e os estudos realizados pelos integrantes desta escola ficaram conhecidos como Teoria Crítica, uma vez que se contrapunham à Cultura Tradicional da época (Porfírio, s.d.). Nesse sentido, os *medias* eram fortemente criticados pelos estudiosos de Frankfurt por serem utilizados como forma de controle das massas, no contexto da industrialização e da urbanização do século XIX e início do século XX na Europa Ocidental e no desmembramento de comunidades orgânicas agrícolas nos Estados Unidos para a ascensão das indústrias e das grandes cidades (Lister, Dovey, Giddings & Kelly, 2009).

Para Adorno & Horkheimer (1947), toda a cultura das massas é manipulada por quem detêm o poder através do uso dos meios de comunicação, destacando na sua obra “Dialética do Esclarecimento” o poder da propaganda utilizada durante a Segunda Guerra Mundial para a manipulação e controle das massas. Nesse sentido, os meios de comunicação de massa que surgiram com a industrialização e urbanização ameaçavam a capacidade crítica e política da sociedade, visto que banalizam e comercializam a informação e a cultura (Lister et al, 2009).

A Escola de Chicago, por sua vez, surge da união dos estudiosos da Universidade de Chicago, fundada no final do século XIX por iniciativa de John Rockefeller. Os estudos desta Escola são centrados na perspectiva naturalista e foram os pioneiros ao explorar etnograficamente a Cidade de Chicago de 1930, destacando-se os sociólogos William Isaac Thomas, George Herbert Mead e Herbert Blumer (Braga & Gastaldo, 2009).

Acerca do estudo das comunicações das massas, é importante destacar o sociólogo Herbert Blumer que no final dos anos 1950 publicou o artigo *Suggestions for the study of mass media effects* com o objetivo de fornecer uma metodologia para analisar os fenômenos que surgem da interação dos *media* com o seu público (Braga & Gastaldo, 2009). Para Blumer (1969) existem três características que devem ser observadas se tratando dos meios de

comunicação das massas, sendo elas: o seu conteúdo, a forma como o público interage e responde ao mesmo e a conexão interdependente entre todos os meios - televisão, rádio, jornal, etc.

A principal questão trazida por Blumer (1969) é de que os *media* estão em constante mudança para sempre entreter seu público com novas notícias e novas formas de interação independente do meio de comunicação. Nesse sentido, os *mass media* estão sempre voltados para o mundo em movimento e evolução e o que o seu público consome está constantemente mudando (Blumer, 1969).

Importante ressaltar que as Escolas de Frankfurt e de Chicago não são as únicas instituições a estudarem a forma como os *media* interagem e influenciam a sociedade, podendo também exemplificar a Teoria Hipodérmica (também conhecida como Teoria da Bola Mágica), elaborada na década de 30 pela Universidade Norte-Americana, que tem como principal suposição que a mensagem enviada pelos *media* às grandes massas afeta todos os indivíduos da mesma maneira (Porto, s.d.); a teoria do *two-step flow* (duplo fluxo) desenvolvida nos anos 40 e 50 por Katz e Lazarsfeld na qual os chamados “líderes de opinião” atuam como influenciadores para a apreensão da informação do público a quem se direciona (Santos & Saldanha, 2010); e, a teoria do *agenda-setting*, desenvolvida por dois professores norte-americanos da Universidade da Carolina do Norte em 1970, a qual estuda a função dos *media* em influenciar a agenda pública, direcionando a conversa entre os cidadãos (Castro, 2014).

Não obstante, inevitável se faz perceber que o protagonismo das massas nas questões públicas deu início a uma cultura das massas que, apesar de parecer emergir de baixo, é um produto da comunicação produzida por grupos de poder econômico para obter benefícios, sejam eles econômico, político e social (Eco, 1984).

Para Luhmann (1995) os meios de comunicação dão maior prioridade à seletividade das notícias do que à própria verdade. Para demonstrar tal afirmação, destaca cinco seletores para

a produção da notícia, sendo eles: 1) a novidade, ou seja, a informação deve ser fresca e deve ir contra as expectativas do público, e quando se tratar de um evento ou catástrofe natural, deve conter novas histórias; 2) a criação de conflito ou tensão, por meio da espera do público por uma notícia ou por um resultado; 3) a atenção para a quantidade, utilizando o termo “muitos” em uma situação que causa impacto, como um acidente, por exemplo; 4) a relevância do lugar aonde aconteceu a notícia, sabendo selecionar o que vai ser atrativo para o público alvo; e 5) a transgressão da norma (Luhmann, 1995).

A transgressão da norma (pelos transgressores do Direito, da moral ou do politicamente correto) merece uma atenção especial, uma vez que os *media* fazem uso da mesma com frequência equivalente aos escândalos, reforçando a repercussão da notícia, reavivando a cena política, evitando, muitas vezes, mostrar as manifestações de compreensão e o motivo real que pode estar por detrás da transgressão de determinada norma (Luhmann, 1995).

Dito isso, é necessário compreender a funcionalidade do Sistema de Justiça Penal, o qual é composto pelas instituições formais e informais de controle. As instituições formais de controle correspondem ao que é aplicado pelo Estado, enquanto no controle informal se encontram os *media*, o mercado de trabalho, as instituições de educação, família, entre outras. Na posição de instituição de controle informal, os *media* assumem o papel de construir cenários para radicalizar o medo da criminalidade e o julgamento do próximo (Andrade, 2003).

Para Zaffaroni (2001), os meios de comunicação são indispensáveis para o exercício do poder pelo Sistema de Justiça Penal, porque sem os *mass media* a sociedade perceberia a falência dos discursos justificadores do crime, e sem esses não é possível produzir os medos e os conflitos que são uteis para as agências do sistema penal e dos próprios governos.

No atual contexto histórico no qual estamos inseridos, em que a informação é facilmente acessada, as notícias locais e internacionais chegam muito rapidamente aos telespectadores. Aonde há um capitalismo globalizado, problemas com o desemprego, pobreza e exclusão

social, os *media* têm exercido um papel legitimador do Sistema de Justiça Penal, uma vez que “encarrega-se de encenar, entre o misto do drama e do espetáculo, uma sociedade comandada pelo banditismo da criminalidade, e de construir um imaginário social amedrontado”, e ainda se incumbe de “acender os holofotes, seletivamente, sobre a expansão da criminalidade e firmar o jargão da necessidade de segurança pública como o senso mais comum do nosso tempo” (Andrade, 2003).

Para Wermuth (2010), o interesse mercadológico dos meios de comunicação em “massa promovem um falseamento dos dados da realidade social, gerando enorme alarde ao vender o ‘crime’ como um rentável produto, respondendo às expectativas da audiência ao transformar casos absolutamente *sui generis* em paradigmas”, expandindo assim “o catálogo dos medos e, conseqüentemente, de forma simplista como convém a um discurso vendável, o clamor popular pelo recrudescimento da intervenção punitiva”.

Em uma sociedade marcada pelo espetáculo e pelo sensacionalismo das notícias, os *media* têm colaborado, não só para a legitimação do Sistema de Justiça Penal e o aumento da repressão penal, mas também para uma campanha em torno do medo e a violência, tema que será ainda tratado no presente capítulo.

2. Normativos aplicáveis à prática jornalística no Brasil

A Constituição Federal do Brasil de 1988, no artigo 5.º, inciso IX², garante a liberdade de expressão, independente de censura ou licença. O cuidado com a comunicação e a garantia de liberdade de expressão se dá principalmente pela fase de recuperação em que o Brasil estava passando após a ditadura militar que assolou o país entre 1964 a 1985, no qual muitos canais de comunicação sofreram censura (Bonavides & Andrade, 2004).

² Art. 5.º - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes (...). (...) É livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença.

Todo cuidado com o acesso à informação fica demonstrado pelo Capítulo V da Constituição Federal, uma vez que trata exclusivamente da comunicação social. O artigo 220.º do Diploma Legal enuncia que “A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição”, devendo respeitar os princípios elencados no artigo 221.º, que acentua que a produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios: I - preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas; II - promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação; III – regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei; e IV - respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

No entanto, ainda que o *caput* do artigo referido mencione apenas emissoras de rádio e televisão, os mesmos princípios são aplicáveis às empresas jornalísticas e aos meios de comunicação social eletrônicos, conforme o artigo 222.º, *caput* e parágrafo 3.º.

Enquanto a Constituição Brasileira aguardava para ser promulgada, em 1987 entrava em vigor o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, sob os cuidados da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ, 2006). Esse documento descreve as garantias dos profissionais, além de suas obrigações e responsabilidades.

O artigo 4.º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (1987) afirma que o compromisso fundamental do profissional “é com a verdade no relato dos factos, deve pautar seu trabalho na precisa apuração dos acontecimentos e na sua correta divulgação”. Ainda, sendo o jornalista responsável por aquilo que divulga, não pode divulgar informações que apresentem: I - o interesse pessoal ou buscando vantagem econômica; II - caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes; e III - fontes ilícitas ou ilegais (artigo 11.º).

É importante ressaltar que o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (1987) tem como base o Código Internacional Jornalístico, aprovado em 1983, em Paris, durante a quarta reunião consultiva das organizações internacionais e regionais de jornalistas, sob a coordenação da *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO). Neste documento ficaram definidos dez princípios a serem seguidos pelos profissionais da área, destacando-se o Princípio II³, que refere ser a primeira tarefa do jornalista garantir uma informação verdadeira e autêntica às pessoas, por meio de uma dedicação honesta e realista por parte do profissional, afim de que o público possa formatar um quadro preciso e compreensivo do que está acontecendo no mundo ao seu redor (Código Internacional Jornalístico, 1983).

No Brasil, para além destes normativos, pode-se destacar o Decreto-lei n.º 910/38, acerca das condições de trabalho do jornalista; o provimento e a regularização da profissão jornalística, nos Decretos-lei n.º 91.902/85 e 83.284/74, respetivamente; e o Decreto-lei n.º 5.480/43, que institui o curso de jornalismo no sistema de Ensino Superior no Brasil.

3. Influência da Média na expansão da cultura do medo

A influência das comunicações de massa no processo de formação de opiniões é uma característica da sociedade contemporânea, visto que os meios de comunicação são utilizados como ferramenta de fomentação de crenças, valores, culturas, etcetera. Nesse contexto, a criminalidade é uma mercadoria da indústria cultural, que utiliza o medo de ser vítima de um crime (Wermuth, 2011).

O medo é um sentimento conhecido por todas criaturas vivas, e é “mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem motivo claros” (Bauman, 2008, p. 08), e se pressupunha que com a modernidade a sociedade

³ “A tarefa primeira do jornalista é garantir o direito das pessoas à informação verdadeira e autêntica através de uma dedicação honesta para realidade objetiva por meio de que são informados factos conscienciosamente no contexto formal deles/delas e mostram as conexões essenciais deles/delas e sem causar distorção, com desenvolvimento devido da capacidade criativa do jornalista, de forma que o público é provido com material adequado para facilitar a formação de um quadro preciso e compreensivo do mundo no qual a origem, a natureza e a essência dos acontecimentos, processos e estados dos casos são tão objetivamente quanto possível compreendidos” (Princípio II, Código Internacional Jornalístico de 1983)

ultrapassaria o medo, que outrora fora tão presente na história. Acontece que, não apenas o mesmo continua presente, como também é um elemento de consumo da sociedade moderna (Bauman, 2008).

Na sociedade moderna o medo deixou de se relacionar com histórias, contos e mitos que eram passados de geração em geração, para ser uma ferramenta dos *media* na forma de imagens e informações que são transmitidas a todo o momento dentro dos lares e comunidades (Rosário & Bayer, 2014).

Ao transmitir a transgressão de uma norma, os meios de comunicação social “podem produzir, mais do que de outra forma, o sentimento geral de que todos foram atingidos e estão indignados” (Luhmann, 2005). Segundo Budó (2006), a *media* aborda os crimes de grande gravidade com um sensacionalismo que contrapõe a real função do jornalismo, enaltecendo assim uma falsa realidade criminal ao invés da verdade.

Para Hügel (2000), os efeitos provocados pela representação infiel da realidade criminal pode ser vista em dois planos sendo que, no primeiro, há uma dramatização criminal que produz um medo irrealista contra a criminalidade, o que acaba gerando um segundo efeito de natureza política criminal buscando punições injustificadas. Nesse mesmo sentido, Baierl (2008) afirma que o *medo social* é um produto da sociedade violenta e das maneiras como as relações de poder e a sociabilidade são construídas dentro deste contexto.

Ao analisar o *medo social*, ou a cultura do medo, é inevitável não referir os *media*, uma vez que, dentre as várias instituições, é uma das mais culpadas na criação e sustentação do medo na sociedade, visto que os jornalistas/repórteres espalham o medo, assustando o público. Nesse contexto vários grupos sociais e organizações, como por exemplo empresas, organizações religiosas e partidos políticos, lucram com o sentimento de medo e insegurança difundido pelos *media* (Glassner, 1999).

Isso porque, a cultura do medo tem levado as pessoas a intensificarem a segurança de seus lares, contruindo muros, instalando dispositivos de segurança e evitando o contato social para além do necessário (Silveira, 2013). Tais comportamentos, intensificados pelos *media* por meio da difusão da cultura do medo, tem alimentado a *industria do medo* que, segundo Baierl (2008) é um dos negócios que mais cresce na atualidade, uma vez que há um aumento significativo na procura de equipamentos de segurança pessoal e patrimonial, que se vinculam ao comércio de armas e serviços de proteção pessoal.

Pode-se afirmar que os meios de comunicação de massa promovem a falsificação dos dados da realidade social, vendendo o crime como um produto rentável e alimentando a audiência tornando casos corriqueiros em um padrão de acontecimentos, aumentando assim o catálogo de medos já presente na sociedade, uma vez que o telespectador pode se identificar com a vítima daquele caso apresentado, gerando o sentimento de insegurança (Wermuth, 2011).

O maior paradoxo da cultura do medo é que os problemas que deveriam ser tratados pelos *media* e pelas instituições de controle formal permanecem ignorados, mesmo sendo problemas que fundamentam os perigos que a sociedade mais teme, como por exemplo a pobreza e a desigualdade de renda que muitas vezes dão causa ao abuso infantil, a criminalidade e o abuso de drogas ilícitas, mas são problemas que permanecem sem solução e são costumeiramente ignorados pelos *media* (Glassner, 1999; Kahn, 2002).

Por fim, ainda cabe ressaltar que, a fomentação da cultura do medo pelos *media* transformam os meios de comunicação de massa em agências do poder punitivo, o que, por sua vez, influencia da participação popular nas decisão judicial de crimes de crimes que são fortemente mediatizados, assim como exerce uma forte influencia politica no endurecimento ou criação de normas que penalizam condutas (Wermuth, 2011).

Capítulo 2- *School shootings*

O presente capítulo discute o surgimento e a evolução do fenómeno *School shootings*, sua repercussão no Brasil e quais os efeitos produzidos pelos *media* na divulgação desse fenómeno. Também, pretende-se analisar, com base nos conceitos discutidos no capítulo anterior, qual a abordagem jornalística mais adequada para transmitir aos consumidores de notícia os acontecimentos relacionados aos tiroteios escolares, evitando assim um possível efeito cópia.

1. Conceito e enquadramento histórico-social do fenómeno *School shootings*

Não é possível compreender o fenómeno *School shootings* sem mencionar o atentado à *Columbine High School*, ocorrido em 20 de abril de 1999, na Cidade de Littleton, no Colorado, Estados Unidos, aonde os adolescentes Dylan Klebold e Eric Harris, após meses de planeamento, invadiram a escola aonde estudavam portando armas de fogo, e dispararam contra colegas, professores e funcionários, matando 13 pessoas, seguindo do suicídio dos dois adolescentes autores dos crimes (Cordeiro, 2017).

Após o 11 de setembro, o atentado à *Columbine High School* era utilizado como exemplo de um ato terrorista pelas autoridades estadunidenses. Assim, os *school shootings* seriam associados ao terrorismo devido algumas semelhanças dentre as quais: o uso de arma de fogo e violência no planeamento e desenvolvimento dos atos; e o terror, uma vez que tanto os *school shootings* quanto os atos terroristas promovem o medo, e muitas vezes fazem o uso de reféns para atingir seus objetivos (Altheide, 2009).

Acontece que definir os *school shootings* como um ato de terrorismo implica que há por detrás do planeamento um golpe político, o que não se observa na maioria dos *school shootings*. Sendo assim, Altheide (2009) observa que a ligação entre o terrorismo e o fenómeno dos *school shootings* está ligado à um discurso de medo, expansão do controle social e políticas que ajudam a legitimar a guerra contra o terror, não havendo, ainda, elementos que comprovem

que a definição dos *school shootings*, como um ato terrorista, influenciem positivamente na prevenção do fenômeno. Para Schildkraut & Elsass (2016), o terrorismo, bem como a violência de gangues, não devem se correlacionar com o fenômeno dos *school shootings* pela ausência da motivação política.

Importante ressaltar que após o atentado à *Columbine High School*, se deu início a busca por explicar o fenômeno dos *school shootings*, não apenas dentro dos Estados Unidos, como também no âmbito internacional, uma vez que a partir dos anos 2000 houveram inúmeras incidências do fenômeno em países como a Alemanha, Finlândia e o Brasil, tornando os *school shootings* uma preocupação global (Altheide, 2009; Paton, 2015).

A expressão *school shootings* passou a ser utilizada em meados da década de 1990, tendo como evento principal o tiroteio de 1999, na *Columbine High School*, sendo um dos maiores desafios para os estudiosos a ausência de uma definição precisa sobre o fenômeno, uma vez que nenhuma delas consegue aglomerar todas as suas facetas (Elsass, Schildkraut & Stafford, 2016).

Vossekuil, Fein, Reddy, Borum & Modzeleski (2004), por exemplo, utilizam a expressão *targeted violence* para definir as escolas que foram alvo de tiroteios ou outros ataques quando i) um aluno atual ou ex-aluno atacou a escola utilizando meios letais; e, ii) o aluno escolheu e planejou de forma proposital um ataque naquela instituição de ensino.

Apesar das dificuldades em definir o fenômeno dos *school shootings*, de um modo geral, este é considerado um tiroteio em massa. Assim, segundo Schildkraut & Elsass (2016) “um tiroteio em massa é um incidente de violência direcionada realizada por um ou mais atiradores em um ou mais locais públicos ou populosos”, aonde poderá haver várias vítimas, estas sendo escolhidas aleatoriamente ou em locais que tenham um valor simbólico para o atirador. Ainda, os eventos costumam ocorrer dentro de um período único de 24 horas, apesar de o ataque em si durar apenas alguns minutos na maioria dos casos (Schildkraut & Elsass, 2016).

De um modo mais restrito, o mesmo pode ser definido como um fenômeno aonde um aluno ou um ex-aluno tem como alvo atacar sua instituição de ensino, atingindo o maior número possível de vítimas, antes de, frequentemente, praticar suicídio (Rodrigues, 2017). Entretanto, esse conceito ainda apresenta lacunas, devendo ficar claro que os *school shootings* enquanto um fenômeno são um produto de relações sociais (Paton, 2015).

É um fenômeno que deve ser discutido e compreendido, uma vez que, apesar de se apresentarem de forma excepcional e de haver problemas maiores e mais frequentes dentro das instituições de ensino, apresentam consequências sérias, não só em termos de morte e de ferimento, mas nos traumas que causam às vítimas e na comunidade aonde essas estão inseridas (Paton, 2015; Vassekuil et al., 2004). Após o acontecimento dos ataques às escolas, o medo de que os mesmos se repitam torna-se motivação por trás dos profissionais de aplicação da lei e pais para identificar etapas que podem ser tomadas para evitar incidentes de violência em suas instituições de ensino, tudo para prevenir o efeito tremendo e duradouro que atinge as comunidades alvo de um *school shootings* (Vossekuil, et al., 2004).

2. Teorias Explicativas do Fenômeno

Para compreender a violência dentro das escolas, em especial os *school shootings*, é necessário entender que se trata de uma violência dinâmica, que muda conforme a evolução social e também da tecnologia. Muito além de buscar prevenir a violência e criar políticas com o objetivo de impedi-la, as instituições de ensino devem olhar mais atentamente aos alunos, buscando identificar as pequenas agressões que acontecem no dia-a-dia, criando disciplinas que, para além de ensinar um currículo, ensinem o diálogo, desenvolvam habilidades cognitivas e trabalhem a autoestima dos alunos (Brooks & Brooks, 2013). Entender que atentados muitas vezes tem sua semente com uma forma de agressão sutil é fundamental para a construção de escolhas aonde os alunos tratem uns aos outros com dignidade, reconhecendo e resolvendo conflitos por meio do diálogo e, acima de tudo, cientes de que todos têm suas dificuldades, mas

também muitas capacidades. Dito isso, é importante destacar as principais teorias explicativas do fenómeno dos *school shootings*, sendo elas as teorias individuais, familiares e sociais.

2.1. Teorias individuais

Segundo Paolini (2015) há um grande número de crianças e adolescentes com transtornos mentais não diagnosticados, e aqueles que tem um diagnostico nem sempre recebe o tratamento adequado. Nesse sentido, Stagman & Cooper (2010), no documento *Children's Mental Health* afirmam que nos Estados Unidos da América 75% dos estudantes diagnosticados com uma doença mental não são atendidos adequadamente pelo sistema de saúde, havendo ainda uma lacuna racial, uma vez que nas escolas 31% dos estudantes caucasianos com alguma doença mental recebem tratamento, enquanto apenas 13% dos alunos hispânicos ou afro-americanos nas mesmas condições são atendidos pelo sistema de saúde.

Para Lee (2013, apud Paolini, 2015) dos atiradores em escolas que apresentavam em seu histórico diagnostico de doenças mentais, 10% não estavam tomando os medicamentos prescritos, todavia, muitos dos que tomavam medicação prescrita apresentaram efeitos colaterais às drogas, como hostilidade, violência e idealizações homicidas. Entretanto, não houve até a data uma investigação que pudesse ligar o efeito colateral de drogas psiquiátricas como um factor determinante aos *school shooting* (Lee, 2013 apud Paolini, 2015).

Segundo Clabaugh & Clabaugh (2005), após o *Columbine Massacre*, deu-se muito destaque aos atiradores aonde, inclusive, um deles fora considerado como psicopata por meio da análise psicológica realizada pelos analistas de perfil do *Federal Bureau of Investigation* (FBI), não se levando em consideração que a *Columbine High School* tinha muitos problemas de violência escolar, aonde predominava a dominação pelos atletas, não havendo programas de prevenção ao *bullying* nem ao assédio sexual, aonde de forma recorrente os atiradores eram vítima por não serem parte dos grupos elitistas da escola.

Não raramente, o destaque às características de personalidade e de psicopatologias são destacadas de um modo que rotula o indivíduo, dando origem a uma série de problemas de discriminação e procedimentos por parte da escola que, além de gerar constrangimento aumenta a tensão que gira em torno dos alunos estigmatizados como problemáticos, identificados como antissociais e atiradores em potencial (Clabaugh & Clabaugh, 2005; Vieira, Mendes & Guimarães, 2009).

Deve-se compreender que todos os factores, quando vistos de forma individual, podem resultar em uma criança ou adolescente com um comportamento deslocado, antissocial ou desajustado, o que não significa que planejará e executará um ataque a sua escola. Acontece que quando esses factores são tratados de forma conjunta em um mesmo indivíduo, a de haver a devida prevenção e suporte para que esse receba o tratamento e apoio adequado não levando a um ato de violência contra a escola (Thompson & Kyle, 2005).

Nesse sentido, para além de buscar a culpabilização dos atiradores, há de se considerar qual a responsabilidade da comunidade aonde esses estão inseridos, seja na escola com uma subcultura de estigmatização ou no local aonde o indivíduo cresceu, que pode apresentar problemas como pobreza e marginalização (Schildkraut & Muschert, 2013).

2.2. Teorias familiares

A família sempre foi alvo de investigação das ciências humanas, na busca de compreender todas as questões que cercam essa instituição. Uma das metodologias de pesquisa utilizadas na busca pela compreensão da família é a Teoria dos Sistemas Ecológicos do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner, na qual a família representa o primeiro ambiente aonde a criança interage ativamente, por meio de relações face-a-face (Martins & Szymanski, 2004; Cecconello, De Antoni & Koller, 2003).

As relações de poder dentro da família influenciam quais serão os estilos parentais e as práticas educativas utilizadas com os filhos, assim, havendo falta extrema de afeto ou rejeição,

haverá uma consequência negativa no desenvolvimento da criança e vice-versa. Não havendo afeto, equilíbrio de poder e reciprocidade na relação entre os cuidadores e as crianças, poderá afetar negativamente o desenvolvimento da mesma e seus relacionamentos (Bronfenbrenner, 1979, apud Cecconello et al, 2003).

2.3. Teorias sociais

Segundo Anderson & Bushman (2001) pode-se caracterizar como *media* violento aqueles que retratam tentativas intencionais de infligir dano a outrem, podendo este ser representado por um ser humano ou por um personagem animado, estando presente em programas da televisão (e.g. desenhos animados), filmes e jogos.

Com o surgimento de novos *media*, dentre os quais destacam-se aqueles que retratam ou visam infligir violência, há um aumento na discussão dos efeitos deste tipo de conteúdo nas crianças e jovens, buscando-se saber se influenciam ou não no aumento da violência nas escolas, havendo muita controvérsia acerca do tema. Destacam-se aqui os atentados à *Columbine High School* e à escola de Realengo, no Rio de Janeiro, que tiveram como uma das causas o consumo de jogos violentos pelos atiradores (Sarmet & Pilati, 2016).

Para Anderson, Shibuya, Ihuri, Swing, Bushman, Sakamoto, Rothstein & Saleem (2010), apesar da complexidade de factores que envolvem a pesquisa da influencia ou não dos *media* violentos no comportamento agressivo, a atual literatura tem mostrado que há sim essa influencia, devendo-se levar em conta factores como tipo de *media* consumida, tempo de consumo, etc., uma vez que o individuo não interage apenas com o meio pelo qual consome o produto, e.g. *videogame*, mas também emocionalmente e psicologicamente. Nesse sentido, um jogo, filme ou programa violento, que envolve ensaiar pensamentos e ações agressivas pode resultar em efeitos antissociais no individuo.

Apesar de muito se falar na influência da família e nos *media* violentos como principais elementos que justifiquem os *school shootings*, importante evitar uma explicação determinista

para os atentados, uma vez que cada um dos factores que influenciam faz parte de uma complexa rede de variáveis, muitas delas de origem social (Schildkraut e Muschert, 2013; Vieira, et al., 2009).

Nesse contexto, importante mencionar entrevista realizada com a mãe de Guilherme Tauci, um dos atiradores do Massacre de Suzano, ocorrido na Escola Estadual Rui Brasil, aonde é mencionado ataque de violência por parte de Guilherme quando jogava jogos em seu computador, o sentimento de abandono em relação ao pai e a falta de diálogo com a mãe, bem como seu sofrimento por ser vítima de *bullying* na escola por ter em seu rosto marcas de espinha (Mena, 2019).

A violência escolar é uma realidade presente em todo o mundo e aumenta a cada dia, sendo essa violência muitas vezes oriunda de frustrações e na comunicação conflituosa, não apenas entre os alunos, mas também entre professores, equipe diretiva e funcionários das instituições de ensino. Ainda, há situações em que as escolas contribuem para o aumento do conflito, reproduzindo a violência da sociedade, bem como contruindo seus próprios mecanismos de violência (Alves, 2009).

Um dos maiores elementos que integram a violência escolar é o *bullying*, conceito criado em 1978 pelo Professor Dan Olweus da Universidade Bergen na Noruega, que observou o fenómeno ao estudar as tendências suicidas dos jovens na época. A partir de 1990, o conceito passou a ser mais estudado, tendo como alguns dos seus principais pesquisadores o próprio Dan Olweus, Smith e Sharp, e Rigby (Binsfeld & Lisboa, 2010).

Sendo assim, para Olweus (2010), o fenómeno do *bullying* pode ser definido como um comportamento agressivo ou com a intenção de causar dano, que se realiza repetidamente por um longo período de tempo em relações em que há desequilíbrio de força ou poder, sem que haja provocação por parte da vítima.

Segundo o Relatório “Prevenindo a violência na juventude: uma perspectiva da evidência”, preparado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização das Nações Unidas (ONU) no ano de 2015, a violência juvenil é aquela que ocorre entre indivíduos de 10 a 29 anos que não tem relação de parentesco e geralmente acontece fora de casa, sendo o *bullying*, a agressão física com ou sem armas, e a violência de gangues, exemplos de atos de violência juvenil que matam cerca de 200 mil jovens por ano no mundo (OMS & ONU, 2015).

Ser vítima de *bullying* está intimamente ligado a comportamentos que causam risco a saúde, como por exemplo o uso de drogas ilícitas e o consumo de drogas ou cigarro. Também, um jovem que é vítima de *bullying* durante a sua infância e adolescência poderá ter problemas de saúde mental, como distúrbio de estresse pós-traumático, depressão, ansiedade, ataques de pânico, etc., que podem perpetuar até a sua fase adulta. Por fim, estima-se que quem pratica *bullying* tem um risco de 50% maior de perpetuar atos de violência ao longo da vida, assim como as vítimas de *bullying* tem uma probabilidade 10% maior de se tornarem pessoas violentas no futuro (OMS & ONU, 2015).

O *bullying* é considerado uma das principais causas dos tiroteios em escola, representando cerca de 87% do motivo dos ataques, segundo pesquisa realizada por JeeHae Helen Lee em 2013, aonde a maioria dos atiradores alegaram ou deixaram indícios de que foram vítima de *bullying* severo e de longo prazo (Paolini, 2015).

Importante frisar que o *bullying* não foi um factor comum em todos os casos já ocorridos de *school shootings* nos Estados Unidos, bem como não se deve afirmar que toda criança ou jovem vítima deste tipo deste fenómeno represente um risco de violência direcionada a escolas, entretanto, em vários casos os agressores indicaram terem sofrido *bullying*, motivo pelo qual é necessário a implementação de programas de prevenção nas escolas, preparando os docentes para perceberem e atuarem juntamente com a escola no combate do *bullying* (Vossekuil et al., 2004).

Por fim, para além dos factores supramencionados, o acesso às armas é considerado como um factor, aonde os defensores do controle de armas culpabilizam os adultos proprietários das armas, que não as guardam devidamente ou as mantêm longe de crianças ou adolescentes (Kleck, 2009). Nesse sentido, a importância dos pais ou parentes que tenham arma de fogo em casa, manterem as mesmas devidamente armazenadas em local que crianças e adolescentes não tenham acesso, principalmente se esses apresentam sintomas de depressão, ansiedade ou qualquer outra característica de problema psicológico (Levin & Madfis, 2009).

No Brasil, a Lei nº 10.826/2003, trata da política do desarmamento, tendo sido a mesma alterada pelo Decreto-lei nº 9.847/2019. No país, a posse de arma de fogo é permitida ao cidadão comum, desde que se cumpram os requisitos legais, como por exemplo ter idade mínima de 25 anos, não apresentar registro criminal em qualquer jurisdição, apresentar documentação de residência fixa e local seguro para guardar a arma, comprovar periodicamente a capacidade técnica de manuseio da arma, além da realização de aulas de tiro e avaliação de aptidão psicológica (Campos, s.d.)

O porte de arma, por sua vez, é restrito aos profissionais de segurança pública, membros das Forças Armadas, policiais e agentes de segurança privada e, desde o Decreto-lei nº 9.847/2019, também são aptos para portar uma arma: advogados, oficiais de justiça, jornalistas criminais, moradores de áreas rurais, conselheiros tutelares, políticos no exercício do mandato e agentes de trânsito (Campos, s.d.).

3. *School Shootings* no Brasil

Quando falamos sobre tiroteios em escolas o primeiro país que vem em mente é os Estados Unidos da América, uma vez que, além de ser o criador do conceito *school shootings*, também é um dos países que noticia com maior frequência atentados em escolas. Segundo um estudo realizado pelo FBI, publicado em junho de 2018, 63 atentados envolvendo atiradores foram cometidos no país entre os anos de 2000 e 2013, todos divulgados nos meios de

comunicação - alguns mais que outros -, e em sua maioria os atiradores cometeram suicídio (FBI, 2018).

No Brasil o fenômeno se faz presente, não com a mesma frequência que em outros países, mas ainda sim, de forma significativa, embora mais atenuante do que nas últimas décadas. O mais recente ficou conhecido como Massacre de Suzano e aconteceu em 13 de março de 2019 na Escola Estadual Professor Raul Brasil, no município de Suzano, no estado de São Paulo, quando dois ex-alunos invadiram a escola armados com um revólver, um machado e uma besta, matando cinco estudantes e dois funcionários, além de matarem o tio de um deles antes de irem à escola realizar o ataque. Após o ocorrido, um dos atiradores matou seu comparsa, para então tirar a própria vida (Basilio, 2019).

O Massacre de Suzano é considerado o oitavo atentado ocorrido em escolas brasileiras. Em 2018, na Cidade de Medianeira, no Paraná, uma adolescente de 15 anos atirou contra os colegas de classe no Colégio Estadual João Manoel Mondrone, deixando dois feridos em um ataque que vinha sendo planejado por dois meses, juntamente com um colega que alegava sofrer *bullying* (Basilio, 2019).

Em 20 de outubro de 2017, o Colégio Goyases, localizado em Goiânia, foi alvo de tiroteios planejados e executado por um aluno de 14 anos que cursava o oitavo ano do fundamental, resultando em dois mortos e quatro feridos. Enquanto recarregava a arma, o aluno foi detido por professores e funcionários da escola, impedindo assim que houvesse mais mortos (Basilio, 2019).

A Escola Estadual Enéas Carvalho, em Santa Rita, na região metropolitana de João Pessoa da Paraíba, em 11 de abril de 2012, foi alvo de um adolescente de 16 anos que, portando arma de fogo, atirou em duas alunas que tiveram ferimentos leves (Basilio, 2019).

No ano de 2011 foram noticiados dois atentados em escolas brasileiras. O primeiro deles aconteceu em 7 de abril de 2011, quando um ex-aluno de 25 anos invadiu a Escola Municipal

Tasso de Silveira, no bairro de Realengo, na zona oeste do Rio de Janeiro, matando 12 estudantes e ferindo outros 13, todos eles com idades entre os 12 e os 14 anos. Após ser atingido por um policial, o atirador tirou a própria vida, deixando em sua casa a justificativa de que o ataque foi motivado por humilhações que havia sofrido enquanto frequentava a instituição. Em setembro do mesmo ano, um aluno de 10 anos da Escola Municipal Professora Alcina Dantas Feijão, em São Caetano do Sul, na Grande São Paulo, atirou contra uma professora dentro da sala de aula, e após sair da sala disparou contra sua própria cabeça, falecendo a caminho do hospital (Basilio, 2019).

Ainda, em janeiro de 2003, na Escola Estadual Coronel Benedito Ortiz, na cidade de Taiúva, no interior de São Paulo, um ex-aluno, de 18 anos, atirou contra alunos e funcionários, tendo praticado suicídio. Além do próprio atirador, não houve mortos, mas oito pessoas ficaram feridas, dentre elas cinco alunos e três funcionários da escola (Basilio, 2019). Por fim, em outubro de 2002, no Colégio Sigma em Salvador, um aluno de 17 anos matou a tiros duas colegas de 15 anos, sendo detido em flagrante ainda dentro da escola (Basilio, 2019).

Observa-se que, em cinco dos oito atentados a justificativa para o ato dos alunos foi a humilhação e o *bullying*, enquanto que nos atentados de Salvador (2002) e João Pessoa (2012), os atiradores buscavam vingança. Quanto ao ocorrido em 2011, na Escola Municipal Professora Alcina Dantas Feijão, não há registo de um possível motivo, uma vez que o aluno de 10 anos apresentava ser calmo e não tinha histórico de violência. Por fim, em quatro dos oito atentados, os atiradores praticaram suicídio (Basilio, 2019).

Cabe destacar ainda, o tiroteio em massa praticado em 3 de novembro de 1999 por um estudante de medicina dentro de uma sala de cinema no Morumbi Shopping, localizado na zona Sul de São Paulo, que deixou três mortos e cinco feridos, sendo o atirador detido no local. Apesar deste facto não se enquadrar dentro do fenómeno *school shootings*, é interessante perceber a evolução dos tiroteios em massa no Brasil, uma vez que não há registo de tiroteios

escolares anteriores aos anos 2000, mas já havia registros de tiroteios em massa em locais potencialmente seguros, como por exemplo, um cinema (Cruz, 2017).

4. Abordagem mediática do *School Shootings* e seus efeitos

Notícias sobre crimes, conforme abordado anteriormente, são fundamentais para os *media* convencionais e modernos, uma vez que são consumidas rapidamente e, conseqüentemente, dão lucratividade para a indústria da comunicação. Quanto maior e mais grave for o ato criminoso, maior impacto terá a notícia.

Os *school shootings* são um exemplo de como os *media* se aproveitam dos atos criminosos, uma vez que, quando ocorrem, são rapidamente noticiados e a atenção que se dá ao facto dura dias, até mesmo semanas, em várias formas de comunicação (e.g., televisão, rádio, jornais impressos, redes sociais), isso porque, como a maioria das pessoas nunca vivenciará uma situação como a de um tiroteio, usa das comunicações para se aproximar do evento (Muschert & Schildkraut, 2017).

Logo que o primeiro tiro é disparado, os *media* se apressam para realizar a cobertura do evento, o que normalmente pode durar dias ou semanas. A quantidade desproporcional com que os *media* dão cobertura aos *school shootings* fazem com que o público acredite que ocorrem com uma frequência muito mais regular do que na realidade (Muschert & Schildkraut, 2013; Schildkraut, 2016).

Assim como meios de entretenimento violentos como jogos, filmes e seriados são investigados como possíveis factores contribuintes de violência, a midiatização de casos de extrema violência como os tiroteios escolares, podem causar um impacto negativo no expectador, gerando o sentimento de medo ou insegurança, ou até mesmo contribuindo para o efeito *copycat*, motivo pelo qual vários são os autores que buscam compreender esse fenómeno e suas possíveis causas (Burns & Crawford, 1999; Langman, 2017; Kien, Bagay, Lee & Stefanidis, 2019; Muschert & Schildkraut, 2013/2017).

A forma como os *media* revelam o *modus operandi* dos atiradores no caso dos *school shootings* incitariam possíveis espectadores passivos a agirem da mesma forma, dando origem assim ao efeito *copycat* (Rodrigues, 2017). Para Coleman (2004), os *media* criam uma grande história sobre determinado crime, que é veiculada nos meios de comunicação durante vários dias e sob vários olhares, mas falha em analisar qual o efeito que pode ser causado pela notícia, não observando possíveis crimes que eventualmente possam acontecer por causa de veiculação de determinada notícia.

Nesse sentido, os *media* geram no imaginário dos espectadores uma forma de resolver seus problemas interpessoais e reestabelecer um *status* social não atingido de outra forma senão por meio do recurso da violência e das armas (Paton, 2015; Rodrigues, 2017). Ou seja, representar a vida dos atiradores de forma dramática pode gerar o efeito *copycat* naqueles que se sentem como os atiradores aparentemente se sentiam, assim como apresentar a vida das vítimas pode violar a sua privacidade e a das suas famílias, disseminando um discurso de medo e de ódio e afrontamento ao Estado e às políticas de segurança pública (Paton, 2015).

Em pesquisa realizada por Kien et al. (2019), que inclusive corroborou com resultados encontrados por outros autores, como por exemplo Doré, Leonard, Brevarman & Ochsner (2015), foi determinado que em algumas *medias* participativas, destacando-se aqui o *Twitter*, o período de contágio se faz mais presente nas duas semanas posteriores ao evento, aonde os *media* estão constantemente atualizando informações sobre o caso. Inicialmente o sentimento é de raiva, seguido por tristeza quando se apresentam os problemas dos atiradores através de entrevistas com seus familiares e seu histórico. Neste ponto, os *media* voltam seu foco às vítimas, mas a imagem do(s) atirador(es) já está pintada na tela mental dos telespectadores, que muitas vezes passam a olhar para as vítimas às culpabilizando.

São diversos os casos de *school shootings* aonde os atiradores foram influenciados por outros e quando isso acontece há o que Surette (2015) chama de *copycat crime*, que nada mais

é do que a existência de dois crimes semelhantes aonde a causa primária pode ser encontrada na exposição dos criminosos a um facto mediatizado anteriormente, havendo inúmeros factores que contribuem para que haja esse efeito.

É importante destacar que a fantasia e o planeamento de um *school shootings* normalmente se desenvolve em um longo período de tempo, não podendo assim definir o efeito *copycat* em uma linha temporal, havendo diversos factores a serem considerados, como por exemplo a conexão pessoal percebida entre o indivíduo e um atirador, a busca por imitar seu(s) “ídolo(s)”, bem como a simples inspiração. Bons exemplos de *school shootings* que sofreram um efeito *copycat* foram o atentado de Realengo, ocorrido em 2011 no Rio de Janeiro, aonde o atirador se inspirou no 11 de setembro e se considerava irmão do atirador do Massacre de *Virginia Tech*⁴; o Massacre de *Columbine* que serviu de inspiração para os atiradores do Massacre de *Virginia Tech* e do tiroteio no *Perry Hall High School*⁵, dentro outros (Langman, 2017)

Apesar de serem necessárias mais pesquisas para compreender mais profundamente o efeito *copycat*, já se sabe que um jovem que tenha predisposição a violência contra a escola, quando exposto à cobertura dos *medias* aos *school shootings*, pode desencadear um comportamento narcisista e de fama, servindo como um gatilho para o planeamento do seu próprio ataque (Kien et al, 2019).

A interação do público com a notícia, e sua rápida difusão, deve ser uma preocupação da indústria que, apesar de não poder se abster de noticiar os factos, deve fazê-lo de modo que não contrarie a sua própria ética, preservando alguns princípios e apresentando com cautela crimes como os *school shootings* (Paton, 2015).

⁴ O Massacre de *Virginia Tech* ocorreu em 16 de abril de 2007 no Instituto Politécnico e Universidade Estadual da Virgínia, em Blacksburg, nos Estados Unidos, aonde 33 pessoas morreram (incluindo o atirador) e outras 21 pessoas ficaram feridas.

⁵ O tiroteio da *Perry Hall High School* ocorreu em 27 de agosto de 2012 quando um adolescente de 15 anos, portando uma a espingarda, disparou dois tiros na cafeteria da escola, deixando um ferido.

Parte II – Método

1. Introdução

A segunda parte do presente trabalho diz respeito a metodologia utilizada, apresentando os problemas de investigação e pontos de partida, seguidos dos objetivos geral e específicos. Posteriormente, serão caracterizadas as amostras utilizadas para a realização do estudo, descrevendo as técnicas utilizadas, os procedimentos e as formas de tratamento dos dados recolhidos. Por fim, serão apresentados os resultados e a sua discussão, correlacionando com o enquadramento teórico encontrado na Parte I desta investigação.

2. Problemas de Investigação e Questões de Partida

Em 13 de março de 2019, na Cidade de Suzano, em São Paulo, no Brasil, dois jovens de 17 e 25 anos, respetivamente, invadiram sua antiga instituição de ensino portando um revólver, machadinho e uma besta, matando sete pessoas, dentre elas cinco eram alunos e outras duas funcionárias da instituição. Antes de invadirem a escola, mataram o parente de um deles, somando assim um total de oito mortes. Após a chegada e intervenção da polícia na escola, um dos atiradores matou o outro, se suicidando em seguida.

O efeito que este acontecimento teve junto da opinião pública e a forma como os *media* reproduziram o ocorrido durante vários dias estiveram na base das seguintes questões de partida: i) Quais os discursos produzidos pelos *media* sobre o acontecimento dos *school shootings*?; ii) Quais as dinâmicas dos *school shootings* (e.g. planeamento e perfil das vítimas e agressores)?; iii) Os *media* tem influenciado o sentimento de medo e insegurança na veiculação das notícias sobre os tiroteios em massa? e iv) Como foi significado o Massacre de Suzano?

O presente trabalho busca assim responder as questões supracitadas por meio da análise de reportagens feitas sobre o referido *school shootings*, além do inquérito por questionário

respondido por profissionais da educação, na tentativa de avaliar qual a influência dos *media* na cultura do medo dentro das instituições de ensino.

3. Objetivo Geral e Objetivos Específicos

O objetivo principal deste estudo é compreender qual o papel desempenhado pelos *media* na expansão da cultura do medo ao noticiar casos de *school shootings* no Brasil, dando destaque ao Massacre de Suzano, ocorrido em São Paulo no dia 13 de março de 2019.

Para isso, se pretende: a) entender o que é o fenômeno do *school shootings*, seu histórico no Brasil e o impacto causado tendo como referência o Massacre de Suzano, ocorrido em 13 de março de 2019; b) compreender a dinâmica dos *media* na divulgação do Massacre de Suzano, baseando-se na análise temática de reportagens e no referencial teórico do presente trabalho; c) avaliar em que medida os *media* influenciam na cultura do medo por meio das respostas adquiridas por inquérito por questionário respondido por 85 professores brasileiros acerca do ocorrido em Suzano.

4. Caracterização das Amostras

4.1. Participantes

O inquérito por questionário foi respondido por 85 pessoas, sendo 88.24% (N=75) mulheres e 11.76% (N=10) homens, na média de idade de 47 e 55 anos, sendo 100% dos/as participantes de nacionalidade brasileira. Quanto ao exercício da profissão, 98.8% (84) dos/as participantes exercem a profissão de professor, em diferentes níveis de ensino (cf. Tabela 1), pelo período médio de 25 anos.

Sinala-se que as demais informações sociodemográficas podem ser encontradas junto ao Anexo III, na Secção relativa a essas questões.

Considerando que o Massacre de Suzano ocorreu em março de 2019, a Tabela 1 refere quais os níveis de ensino pelos quais os/as participantes lecionavam durante março de 2019, podendo-se assim compreender para quais as faixa-etárias costumam dar aula.

Tabela 1

Caracterização profissional dos/as participantes em março de 2019

Nível de ensino⁶	Percentagem=(soma)
Ensino Fundamental	52% (N=55)
Ensino Médio	27% (N=28)
Educação Infantil	11% (N=11)
Ensino Superior	4% (N=4)
Ensino Técnico Profissionalizante	2% (N=2)
Reformado	1% (N=1)
Área administrativa	4% (N=4)

4.2. Reportagens

Foram analisadas um total de 23 reportagens do Jornal Folha de São Paulo, as quais foram nomeadas pela sua ordem de análise seguida por data de publicação dentro de colchetes (e.g. [NÚMERO_DATA]). Do total das reportagens, 30.4% (N=7) são datadas do dia 14 de março de 2019, 26.1% (N=6) do dia 15 de março de 2019, 8.7 (N=2) do dia 16 de março de 2019, 13% (N=3) do dia 18 de março de 2019, 13% (N=3) do dia 19 de março de 2019 e 8.7 (N=2) do dia 20 de março de 2019, sendo assim, a maior parte das reportagens é datada de 14 de março de 2019, dia subsequente ao Massacre de Suzano.

5. Técnicas de Recolha de Dados

5.1. Inquérito por questionário

O inquérito por questionário foi desenvolvido em 6 secções, totalizando 58 questões que possibilitavam respostas em múltipla escolha, caixa de seleção, resposta curta ou em parágrafo. Na Secção 1 foi relatado os objetivos do inquérito por questionário, seguido pela declaração de

⁶ O sistema educacional brasileiro é muito semelhante ao português no que diz respeito aos níveis de ensino. Deste modo, a Educação Infantil diz respeito ao Infantil, o Ensino Fundamental ao Ensino Básico e o Ensino Médio ao Ensino Secundário (Mustafa & Gutierrez, 2019)

compreensão dos objetivos mencionados e da autorização para análise das respostas pela equipa de investigação.

A Secção 2 diz respeito à caracterização sociodemográfica dos/as participantes e as respostas colhidas nesta secção dizem respeito ao ponto 4.1. da Parte II deste estudo. As Secções 3 e 4, por sua vez, dizem respeito, respetivamente, à caracterização dos hábitos pessoais de consumo dos *medias* e à caracterização dos impactos das notícias sobre crimes.

A Secção 5, intitulada como “Caracterização dos impactos das notícias sobre tiroteios em massa em contexto escolar” traz as questões referentes aos impactos causados pelo Massacre de Suzano na vida dos/as participantes. Por fim, a Secção 6 apresenta os recursos na área de violência escolar, bem como dispõe de um espaço para os/as participantes deixarem o endereço eletrónico para contacto se assim o quiserem.

5.2. Grelha de registo das reportagens

Foram analisadas e caracterizadas notícias sobre o Massacre de Suzano, ocorrido em São Paulo, em 13 de março de 2019, no Jornal Folha de São Paulo⁷, entre os dias 14 e 20 de março. As 23 reportagens selecionadas foram analisadas por meio de uma grelha de registo (Anexo I), integrando variáveis referentes à forma, e.g. data da reportagem, nome principal e nome secundário, etc., e ao conteúdo, e.g. fonte de informação referenciada, fonte de informação citada, menção aos nomes e idades das vítimas, menção dos nomes e idades dos atiradores, etc.

6. Procedimentos

6.1. Inquérito por questionário

O inquérito por questionário foi disponibilizado *online*, na plataforma *Google Forms*, e divulgado para professores/as do Brasil, durante o período 12 de março de 2020 a 22 de abril de 2020. A divulgação ocorreu de duas formas: 1) por meio do envio de e-mail a instituições

⁷ Considerado pelo Instituto Verificador de Comunicação (IVC Brasil) o jornal com maior circulação de exemplares no mês de março de 2019 no Brasil. (Folha de São Paulo, 2020)

de ensino e professores conhecidos pela equipa de investigação, contendo em seu anexo declaração da Orientadora Dra. Sofia Neves acerca do presente estudo; e, 2) por meio do aplicativo *Whatsapp*, aonde foi compartilhado o link do inquérito por questionário às professoras que fizeram parte da minha educação e que são conhecidas pela minha família, contando com as mesmas para a realização da divulgação, uma vez que os/as professores/as tem grupos de trabalho em suas *medias* digitais.

6.2. Reportagens

Primeiramente, fora realizada uma pesquisa junto ao Instituto Verificador de Comunicação para saber qual o jornal mais lido no Brasil durante o mês de março de 2019, quando ocorreu o Massacre de Suzano, o qual demonstrou que os Jornais Folha de São Paulo e O Globo, respetivamente, lideravam o *ranking* dos jornais impressos mais lidos do país (Folha de São Paulo, 2020).

Tendo em vista que o Jornal Folha de São Paulo, além de ser o mais lido no país durante o período em estudo, oferecia em seu próprio site o acesso ao acervo digitalizado de todos os jornais, foi o escolhido para servir de base para o presente trabalho. Assim, foram analisados os jornais publicados entre os dias 14 de março de 2019 a 24 de março de 2019, selecionando-se as reportagens que diziam respeito ao Massacre de Suzano. A partir do dia 20 de março de 2019 a quantidade de notícias publicadas acerca do tema teve uma queda drástica, motivo pelo qual foram escolhidas as peças escritas entre os dias 14 e 20 de março de 2019.

7. Técnicas de Tratamento e Análise de Dados

Considerando que foram utilizadas duas análises diferentes para melhor se adequar aos métodos de recolha de dados utilizados, este ponto é dividido para melhor entendimento.

7.1. Inquérito por questionário

Para a análise dos inquéritos por questionário foi realizada uma análise descritiva simples, sendo esta a fase inicial no processamento dos dados coletados (Reis & Reis, 2006).

Para a realização desta análise foi utilizado o método de estatística descritiva, que consiste em um conjunto de técnicas analíticas que tem por objetivo organizar, resumir e descrever os aspectos importantes observados durante a coleta dos dados, por meio de tabelas que possibilitam trabalhar as informações e compará-las com os demais dados (Morais, s.d.; Reis & Reis, 2006).

7.2. Reportagens

Para o estudo das reportagens foi utilizado a análise de conteúdo, caracterizada como um conjunto de técnicas de análise das comunicações com o intuito de obter, através de variáveis, o conteúdo das mensagens, sejam eles quantitativos ou não, possibilitando assim perceber em quais condições a mensagem contida no conteúdo é produzida e como ela é recepcionada pelo consumidor (Bardin, 1979).

A análise do conteúdo pode ser dividida em três fases, quais sejam: 1ª) fase da pré-análise, que consiste na organização dos documentos a serem analisados, suas variáveis e objetivos, cf. Itens 5.2 e 6.2. da Parte II; 2ª) fase exploratória aonde é realizada a análise dos dados, utilizando-se para essa finalidade o recurso *IBM SPSS Statistics 25.0*; e, 3ª) por fim, a interpretação dos resultados obtidos pela análise (Leal & Etges, 2006)

8. Resultados

Para melhor compreender os resultados obtidos, o presente item será dividido conforme o método de pesquisa utilizado.

8.1. Inquérito por questionário

O inquérito por questionário foi dividido em 6 seções, conforme já mencionado, para melhor compreensão dos/as participantes. Neste ponto, serão tratados os resultados obtidos nas seções 3, 4 e 5 do inquérito por questionário, uma vez que as seções 1 e 2 já foram tratadas nos itens 5.1 e 4.1, respetivamente.

a) *Caracterização dos hábitos pessoais de consumo dos Medias*

Na presente secção os/as participantes foram questionados acerca dos hábitos e motivações para o consumo dos *medias*, nomeadamente a televisão, do jornal impresso, do rádio e do *medias* digitais.

Quanto à televisão, 90.56% (N=77) afirmam assistir, enquanto 9.41% (N=8) responderam não ter esse hábito, sendo que 60% (N=51) assistem diariamente, 23.53% (N=20) raramente e 16.47% (N=14) semanalmente. Os conteúdos foram divididos em três categorias, entretenimento, esportes e notícias em uma questão que possibilitava a seleção de mais de uma alternativa, sendo assim 49% (N=72) assistem televisão pelas notícias, 40% (N=58) para entretenimento, 8% (N=12) para esportes e 3% (N=4) não se aplica.

No que diz respeito ao hábito de leitura de jornal impresso, 50.59% (N=43) afirmaram não terem o costume, enquanto 49.41 (N=42) responderam que tem o hábito de ler jornal impresso. Quanto à frequência 27,38% (N=23) leem diariamente, 32.14% (N=27) leem raramente, 23.81% (N=20) semanalmente e os demais 16.66% (N=14), tendo um dos participantes deixado essa questão sem resposta. Novamente o conteúdo foi dividido em três categorias, sendo assim 56% (N=65) leem jornal pelas notícias, 20% (N=23) por entretenimento, 9% (N=10) pelos esportes e 16% (N=18) não se aplica.

Quanto ao rádio, 71.76% (N=61) dos participantes referiram ter o hábito de ouvir enquanto 28.24% (N=24) não. 52.94 (N=45) ouvem rádio diariamente, 23.53 (N=20) ouvem raramente, 14.12% (N=12) semanalmente e 9.41% (N=8) nunca utilizam essa ferramenta. Para compreender quais os conteúdos mais consumidos foram sugeridas três categorias aonde 50% (N=56) referiu utilizar o rádio para ouvir notícias, 32% (N=36) como forma de entretenimento, 8% (N=9) para esportes e, no campo outros, 9% (N=10) respondeu ter o hábito de ouvir músicas pelo rádio.

No que diz respeito aos *media* digitais, 97.5% (N=83) responderam utilizarem alguma plataforma digital e os outros 2.35% (N=2) referiram que não. Quanto à frequência de uso

94.12% (N=80) faz uso diário dos *medias* digitais, 3.53% (N=3) raramente utilizam e 2.35% (N=2) fazem uso semanal. Dentre as plataformas mais utilizadas 37% (N=81) dos participantes responderam *Whatsapp*, 31% (N=68) *Facebook*, 23% (N=49) *Instagram*, 5% (N=10) *Twitter*, e 4% (N=9) outras plataformas. Quanto ao interesse, 48% (N=78) utiliza os *medias* digitais para notícia, 42% (N=68) entretenimento, 9% (N=15) esportes e 1% (N=2) não se aplica.

A Tabela 2 demonstra quais são algumas das motivações que levam os/as participantes a consumirem os *medias*, sendo aqui tratados os mesmos de um modo geral.

Tabela 2

Qual a sua motivação para o consumo dos Mídias?

Opções de Resposta	Porcentagem=(soma)
Manter-se informado/a sobre o que acontece na sua cidade e país	21% (N=79)
Estar/contactar com a família	17% (N=65)
Aprendizado	17% (N=63)
Entretenimento	12% (N=45)
Estar/contactar com colegas de trabalho	15% (N=56)
Manter-se informado/a sobre as notícias internacionais	6% (N=24)
Passar o tempo	6% (N=24)

b) Caracterização dos impactos das notícias sobre crimes

Quando questionados se a notícia de um crime, dada pelos *medias*, tem influência na formação da opinião pública sobre o mesmo, 95.29% (N=81) afirmam que sim enquanto os demais 4.71% (N=4) entendem que não. Da mesma forma, ao serem inquiridos se a forma como as pessoas tendem a retratar o crime é o reflexo do retrato que os *medias* transmitem nas notícias, 84.71% (N=72) responderam que sim e 15.29% (N=13) entenderam que não. O modo como os *medias* transmitem as notícias encontra-se na Tabela 3.

Tabela 3

De que modo os meios transmitem as notícias?

Opções de Resposta	Sim	Não
Os <i>meios</i> são fontes de informação credíveis	10% (N=34)	23% (N=47)
Os <i>meios</i> procuram retratar o crime de forma objetiva	8% (N=27)	6% (N=13)
Os <i>meios</i> nem sempre têm acesso a elementos que lhes permitam retratar fielmente o crime	17% (N=58)	27% (N=55)
Os <i>meios</i> tendem a não cumprir escrupulosamente os códigos de ética da profissão	12% (N=41)	9% (N=19)
Os <i>meios</i> contribuem para a consciência das pessoas face ao perigo	14% (N=48)	10% (N=20)
Os <i>meios</i> fazem com que as pessoas possam desenvolver mecanismos de proteção e de segurança pessoal	11% (N=39)	7% (N=15)
Os <i>meios</i> exageram na descrição que fazem dos crimes	13% (N=45)	4% (N=9)
Os <i>meios</i> procuram retratar o crime de forma sensacionalista	9% (N=33)	3% (N=6)
Os <i>meios</i> têm acesso a elementos que outras fontes não têm	7% (N=25)	8% (N=17)

Acerca da notícia de um crime pelos *meios* causar impacto na vida das vítimas, 98.92% (N=84) entendem que sim, enquanto 1.18% (N=1) respondeu que não, ocorrendo esse impacto conforme Tabela 4.

Tabela 4

De que modo a notícia de um crime causa impacto na vida da vítima?

Opções de Resposta	Porcentagem (N=soma)
Provocando-lhes medo	18.98% (N=56)

Contribuindo para a restrição das suas relações sociais	14.24% (N=42)
Promovendo a recusa em ir para a escola/trabalho	10.50% (N=31)
Fazendo com que permanecem em relações abusivas	4.74% (N=14)
Aumentando a sua proteção	6.44% (N=19)
Afetando a sua saúde mental (e.g., depressão, ansiedade)	19.32% (N=57)
Afetando a sua saúde física (e.g., dores de cabeça, dores de barriga)	9.49% (N=28)
Levando-as a evitar frequentar locais considerados perigosos	14.24% (N=42)
Outros	2.03% (N=6)

Para os participantes, 80% (N=68) entendem que a notícia de um crime pelos *medias* tem um impacto na vida das pessoas agressoras, enquanto os demais 20% (N=17) acreditam que não (cf. Tabela 5).

Tabela 5

De que modo a notícia de um crime causa impacto na vida dos agressores?

Opções de Resposta	Porcentagem (N=soma)
Prevenindo a reincidência	14% (N=21)
Potenciando a continuidade da prática criminal	16% (N=24)
Estimulando o pedido de ajuda a terceiros	6% (N=4)
Desresponsabilizando-as	8.66% (N=13)
Ameaçando as vítimas usando os exemplos noticiados	15.33% (N=23)
Banalizando o tema	22% (N=33)
Causando receio do que lhes possa vir acontecer caso sejam identificadas	16.6% (N=25)
Outros	3.33% (N=5)

Quando questionados se a forma e o conteúdo das notícias sobre crime diferem de acordo com o tipo do *media*, 88.24% (N=75) entendem que sim e 11.76% (N=10) referem que não. Aos que referiram que sim, 32.45% (N=37) entende que os jornais impressos apresentam um maior diferencial, seguido de 32.45% (N=37) para a televisão, 18.42% (N=21) pela rádio e 17.54% (N=20) pelos *medias digitais*, sendo o tipo de crime mais noticiado pelos *media* os Crimes contra as pessoas, com 63.84% (N=83) das respostas.

c) *Caracterização dos impactos das notícias sobre tiroteios em massa em contexto escolar*

Esta secção é a penúltima do questionário e diz respeito especificamente aos *school shootings* e qual o impacto sofrido pelo Massacre de Suzano em sua rotina escolar e vida pessoal. Na Tabela 6 é demonstrada quais as informações chamam mais a atenção dos/as participantes quando tem conhecimento de uma notícia que envolve um *school shootings*.

Tabela 6

Quando tem conhecimento de notícias sobre crimes que envolvem tiroteios em massa em contexto escolar, a que tipo de informação costuma dar mais atenção?

Opções de Resposta	Porcentagem (N=soma)
Identidade das vítimas	36.5% (N=31)
Número de vítimas	63.5% (N=54)
Idade das vítimas	60.0% (N=51)
Existência de vítimas em estado grave	44.7% (N=38)
Existência de vítimas mortais	41.2% (N=35)
Número de pessoas agressoras	29.4% (N=25)
Idade da(s) pessoa(s) agressora(s)	49.4% (N=42)
Idade da(s) pessoa(s) atirador(s)	26.4% (N=25)
Comportamento da(s) pessoa(s) agressora(s) após a prática do crime (e.g., suicídio)	48.2% (N=41)
Existência de reféns	40.0% (N=34)

Local de ocorrência do crime	58.8% (N=50)
Descrição do crime	36.5% (N=31)
Causas do crime	63.5% (N=54)
Medidas adotadas pelas autoridades	45.9% (N=39)
Outros	1.2% (N=1)

Na Tabela 7 é demonstrado como os *school shootings* são descritos pelos *medias* na visão dos/as participantes.

Tabela 7

Como são os tiroteios em massa em contexto escolar descritivos pelos medias?

Opções de Resposta	Sim	Não
Acontecimentos raros	15% (N=55)	19% (N=26)
Acontecimentos graves	19% (N=70)	5% (N=7)
Acontecimentos com muitas vítimas feridas	5% (N=18)	6% (N=9)
Acontecimentos com muitas vítimas mortais	10% (N=36)	14% (N=20)
Acontecimentos com apenas uma pessoa atiradora	7% (N=24)	21% (N=29)
Acontecimentos que ocorrem em contexto escolar	14% (N=50)	4% (N=6)
Acontecimentos praticados por pessoas atiradoras com problemas mentais	9% (N=33)	11% (N=16)
Acontecimentos resultantes da falta de proteção do local de ocorrência	10% (N=38)	11% (N=16)
Acontecimentos praticados por vingança	12% (N=43)	8% (N=11)

Quando questionados se tem conhecimento de algum caso de *school shootings* ocorridos no Brasil nos últimos anos, 97,65% (N=83) referiram que sim e 2,35 (N=2) disseram que não.

Acerca da quantidade, 47,06% (N=40) afirmam conhecer dois casos, 25,88% (N=22) apenas um caso, 11,76% (N=10) três casos, 10,59% (N=9) quatro casos e 4,71% (N=4) mais de quatro casos, podendo-se perceber que os *school shootings* mais conhecidos no Brasil são os ocorridos no Estado do Rio de Janeiro, com 45.9% (N=39) das respostas e no Estado de São Paulo, com 91.8% (N=78) das respostas.

Especificamente acerca do Massacre de Suzano, ocorrido em 13 de março de 2019 na Escola Estadual Professor Raul Brasil, no município de Suzano (São Paulo, Brasil), 98.82% (N=84) tiveram conhecimento do ocorrido e apenas 1.18% (N=1) não soube nada sobre o referido massacre.

Quanto ao envolvimento direto com o ocorrido, apenas 3.53% (N=3) responderam que sim e os demais 96.47% (N=82) que não. Sobre conhecer alguém envolvido diretamente ao Massacre de Suzano, 92.94% (N=79) responderam que não, 5.88% (N=5) afirmaram não se aplicar e 1.18% (N=1) disse que não.

Àqueles que não tiveram envolvimento direto ao Massacre de Suzano, foi questionado por qual meio teve conhecimento do mesmo, sendo assim 91.8% (N=78) reponderam *medias*, 18.8% (N=16) por colegas da escola/trabalho, 7.1% (N=6) através de familiares e amigos e 7.1% (N=6) respondeu não se aplica.

Os *medias* que tiveram maior destaque em dar conhecimento e manter os participantes informados acerca do Massacre de Suzano foram a televisão, com 90.6% (N=77) das respostas, os *medias* digitais com 55.3% (N=47), seguidos pelos jornais impressos com 21.2% (N=18) e o rádio com 20% (N=17), sendo que 4.7% (N=4) responderam não se aplica.

A questão aberta, pedindo para os participantes descreverem, o Massacre de Suzano contou com 67 respostas, sendo algumas delas destacadas, podendo-se visualizar as demais no Anexo III.

“Adolescentes adentraram a escola, ocasionando um massacre com 10 mortos, incluindo os assassinos. Algo inescrupuloso, com a desculpa de terem ocorrido bullying e isolamento social.”

“Ex aluno, entrou atirando fazendo diversas vítimas, alunos, funcionários mesmo com câmeras de monitoramento não se amedrontou. Após deu fim em sua própria vida. Isso que lembro do episódio.”

“Um exemplo de que a sociedade está a mercê da própria sorte, até mesmo em um lugar que deveria ser sagrado pois tem como objetivo abrir mentes e trazer conhecimento”

A Tabela 8 tem como intuito demonstrar quais os efeitos causados pelo Massacre de Suzano na vida dos/as participantes.

Tabela 8

Que efeitos teve em si o Massacre de Suzano?

Opções de Resposta	Sim	Não
Tristeza	17.83% (N=82)	0% (N=0)
Medo	13.48% (N=62)	4.04% (N=16)
Indiferença	0.65% (N=3)	15.40% (N=61)
Insegurança	13.04% (N=60)	1.51% (N=6)
Revolta	9.57% (N=44)	4.54% (N=18)
Impotência	13.48% (N=62)	1.26% (N=5)
Raiva	6.09% (N=28)	7.07% (N=28)
Preocupações	13.48% (N=62)	0% (N=0)
Dores no corpo	10% (N=38)	11% (N=16)
Insónias	12% (N=43)	8% (N=11)
Ansiedade	5.65% (N=26)	8.08% (N=32)
Falta de apetite	0.65% (N=3)	12.37% (N=49)
Excesso de apetite	0.65% (N=3)	11.86% (N=47)
Cansaço	2.61% (N=12)	9.84% (N=39)

Quanto ter havido em março de 2019 alguma alteração de rotina na escola aonde o participante lecionava, 57.65% (N=49) afirmaram que não, enquanto 42.35% (N=36) responderam que sim, mencionando quais as mudanças na Tabela 9.

Tabela 9

Alterações de rotina nas escolas dos participantes

Opção de Resposta	Porcentagem (N=soma)
A escola, no geral, reforçou as medidas de segurança	24% (N=25)
As pessoas, de forma individual, começaram a adotar mais estratégias de segurança	16% (N=16)
Houve uma diminuição da frequência escolar nos dias a seguir ao Massacre de Suzano	2% (N=2)
Gerou-se um clima de medo	30% (N=31)
Houve um decréscimo do contacto social entre as pessoas	2% (N=2)
Outro	26% (N=27)

Questionados se, em seu caso pessoal, houve alguma alteração de rotina motivada pelo Massacre de Suzano, apenas 27.06% (N=23) responderam que sim, enquanto os demais 72.94% (N=23) referiram que não. Na Tabela 10 ficam demonstradas as principais mudanças.

Tabela 10

Alterações de rotina na vida pessoal dos participantes

Opção de Resposta	Porcentagem (N=soma)
Reduzi os meus contactos sociais	13% (N=11)
Deixei de frequentar alguns locais públicos	18% (N=16)
Pedi à minha família que ficasse uns dias em casa, sem ir ao trabalho/escola	1% (N=1)
Não se aplica	68% (N=59)

Quanto a continuarem a acompanhar nos dias que seguiram ao Massacre, 62.35% (N=53) referiram que sim, sendo que 63.53% (N=54) afirmaram utilizar os *medias* para esse efeito, enquanto que 37.5% (N=32) aduziram não acompanhar o acontecimento após o dia 13 de março de 2019, de modo que 36.47% (N=31) não fez uso dos *medias*.

Por fim, os participantes foram questionados sobre tiveram ou não dificuldade em lecionar após o dia 13 de março de 2019, ficando demonstrado na Tabela 11 em qua período de tempo as dificuldades surgiram no caso dos/as participantes que responderam sim.

Tabela 11

Sentiu dificuldades em lecionar após o Massacre de Suzano?

Opções de Resposta	Percentagem (N=soma)
Nos dias a seguir	15% (N=37)
Nas semanas a seguir	28% (N=66)
Nos meses a seguir	30% (N=72)
Ainda sinto dificuldades atualmente	27% (N=65)

A Tabela 12, complementando a tabela anterior, descreve quais foram as dificuldades sentidas pelos/as participantes após o Massacre de Suzano.

Tabela 12

Em quais aspetos sentiu dificuldades?

Opções de Resposta	Percentagem (N=soma)
Menor capacidade de concentração	6% (N=4)
Receio de que algo semelhante pudesse acontecer na sua escola	38% (N=25)
Dificuldade em lidar com o medo e a segurança manifestados pelos/as alunos/as	12% (N=8)
Dificuldade em abordar o tema	18% (N=12)
Outros	26% (N=17)

Na última secção do questionário, foi dada a opção aos participantes de deixarem seu endereço eletrónico para contacto, havendo o interesse de 12 participantes, para as quais foi encaminhado e-mail, sem nenhuma resposta até a presente data, julho de 2019.

7.2. Reportagens

Tendo em vista que a análise de conteúdo das reportagens seguiu a ordem da Grelha de Registro, o mesmo será feito na demonstração dos principais resultados colhidos.

a) Quanto à forma

Através da Tabela 13 são apresentadas as codificações que identificam cada uma das 23 reportagens analisadas, o título informacional principal e o elemento-chave nos títulos principal e secundário de cada uma delas.

Tabela 13

Como são os tiroteios em massa em contexto escolar descritivos pelos medias?

Codificação	Título Informacional Principal	Elemento-chave no título
[1_2019/03/14]	Ex-alunos invadem escola e matam estudantes e funcionários em Suzano	Ex-alunos; ataque à escola
[2_2019/03/14]	Ex-alunos matam oito pessoas em ataque a escola em Suzano	Ex-alunos; ataque à escola
[3_2019/03/14]	Saiba quem são as 8 vítimas do ataque à escola estadual em Suzano	Vítimas; ataque à escola
[4_2019/03/14]	Atirador abandonou escola por ser alvo de piadas de colegas, diz mãe	Escola; <i>Bullying</i>
[5_2019/03/14]	Besta e machado têm vácuo no Estatuto do Desarmamento	Armas brancas; internet
[6_2019/03/14]	Momento é de acolher crianças e jovens e de se afastar das redes sociais	Redes Sociais; Notícias falsas

[7_2019/03/14]	Escolas precisam intervir em conflitos para evitar massacres, diz pesquisador	Escolas; massacres; columbine
[8_2019/03/15]	Não há ligação entre games violentos e chacina, afirma autor	Games violentos; Chacina; <i>bullying</i>
[9_2019/03/15]	Estudos apontam risco de 'efeito contágio' de ataque em escolas	Efeito contágio; ataques em escola
[10_2019/03/15]	Cobertura de massacres pela mídia brasileira ainda está em Columbine	<i>Columbine</i> ; massacres; <i>media</i>
[11_2019/03/15]	'Vieram à mente os ataques nos EUA', diz PM da 1ª equipe a entrar em escola	Ataques; EUA; escola; Suzano
[12_2019/03/15]	Pesquisas indicam que reforçar segurança não evita ataques	Segurança; ataques;
[13_2019/03/15]	Polícia pede apreensão de 3º jovem suspeito de planejar ataque a escola	Jovem; apreensão; suspeito; ataque; escola
[14_2019/03/16]	Sob emoção e temporal, velório coletivo atrai 15 mil pessoas	Velório; emoção
[15_2019/03/16]	Terceiro Suspeito de ataque a escola é liberado após se apresentar à Justiça	Justiça; suspeito; ataque; escola; polícia
[16_2019/03/18]	Fóruns na web incitam morte e desafiam polícia	<i>Web</i> ; morte; polícia; massacre; Suzano; <i>dark web</i>
[17_2019/03/18]	Em metade dos ataques contra escolas, armas vieram das casas dos atiradores	Armas; ataques; escolas; atiradores; massacre
[18_2019/03/18]	Três estudantes de Suzano têm alta; colégio reabre parcialmente	Estudantes; Suzano; colégio
[19_2019/03/19]	Ataque em Suzano gera debate sobre a tipificação do crime	Tipificação do crime; Terrorismo

[20_2019/03/19]	'Me imaginei no tatame', diz garota que enfrentou assassino	Assassino; jiu-jitsu; defender; ataque
[21_2019/03/19]	Escola em Suzano volta a receber alunos nesta 3ª	Escola; Suzano; alunos
[22_2019/03/19]	Jovem apontado como 3º suspeito de massacre em Suzano é apreendido	Suspeito; massacre; Suzano; internação
[23_2019/03/19]	Estudantes voltam à escola pela primeira vez após tragédia	Volta às aulas

Os dados referentes ao título informacional secundário, autor/es, espaço ocupado no jornal, imagem e seu tipo, são encontrados junto ao Anexo II, uma vez que foram selecionadas as principais informações colhidas da análise de conteúdo para compor o corpo do texto.

b) Quanto ao conteúdo

Do total de 23 reportagens, 34.8 (N=8) referem o nome das vítimas, enquanto os demais 65.2% não refere. Quanto ao nome dos atiradores, 39.1 (N=9) faz referência aos mesmos, e os demais 60.9 (N=14), não o fazem. Quanto a menção ou não dos demais envolvidos no Massacre de Suzano, segue a Tabela 14 para melhor compreensão.

Tabela 14

Menção aos demais envolvidos no Massacre de Suzano

Variáveis	Sim	Não se aplica
Vítimas hospitalizadas	17.4% (N=4)	82.6% (N=19)
Vítimas que pediram auxílio	13% (N=3)	87.0% (N=20)
Pessoas que pediram auxílio para as vítimas	5% (N=18)	6% (N=9)
Testemunhas	30,4 (N=7)	69.5 (N= 16)

Quanto ao comportamento dos atiradores após os crimes, 21.7% (N=5) mencionam o suicídio, enquanto os 78.2% (N=18) não referem. Quanto as possíveis motivações dos

atiradores para o seu comportamento, temos: Acesso as armas com 17.3% (N=4) das reportagens, *bullying* com 13.0% (N=3), efeito contágio com 8.6% (N=2) com especial referência a *Columbine*, dentre outras.

A análise das demais variáveis que compõe o conteúdo das reportagens, e.g. fontes de informação referenciadas e citadas, ação policial, menção dos objetos utilizados, etc., podem ser verificadas no Anexo II, isso porque, devido o baixo número de reportagens, cada uma delas apresentam peculiaridades que podem ser verificadas na Tabela 17 com o título informacional principal das reportagens.

9. Discussão dos Resultados

O principal objetivo deste estudo foi tentar compreender qual o papel desempenhado pelos *media* na expansão da cultura do medo noticiando casos de *school shooting*, nomeadamente aqui o Massacre de Suzano, ocorrido em 13 de março de 2019 no Estado de São Paulo, aonde 10 pessoas morreram, incluindo os dois atiradores. Para atingir o objetivo, serão tratados três pontos principais.

Primeiramente, necessário entender o que é um *school shooting* e seu histórico no Brasil. O fenômeno dos *school shooting* não tem um conceito definido sendo categorizado como um tiroteio de massas, que tem como características o ataque por alunos ou ex-alunos às suas instituições de ensino, havendo múltiplos factores que podem contribuir para que aconteçam (Rodrigues, 2017; Schildkraut & Elsass, 2016).

No Brasil, até o presente momento, foram noticiados oito casos de *school shooting*, sendo o mais recente o Massacre de Suzano em São Paulo. Neste ponto em particular, sinalase as respostas colhidas no questionário por inquérito acerca do conhecimento do fenômeno no Brasil, aonde 47.1% (N=40) reponderam conhecer 2 casos ocorridos no Brasil, grande maioria nos Estados do Rio de Janeiro (e.g. Realengo em 7 de abril de 2011) e de São Paulo (e.g. *school*

shootings ocorridos na Escola Municipal Professora Alcina Dantas Feijão em 2011, Escola Estadual Coronel Benedito Ortiz em 2003).

Na sequência, se buscou compreender a dinâmica dos *media* na divulgação do Massacre de Suzano, por meio da análise de conteúdo realizada em 23 reportagens do Jornal Folha de São Paulo se questionou sobre os discursos produzidos pelos *media* com o acontecimento de um *school shootings* aonde, na parte teórica foram trazidos o conceito dos *media* e sua influência social, às normas aplicadas à prática jornalística no Brasil e a influência dos *media* na expansão do medo. Neste ponto, importante ressaltar o modo como os jornalistas constroem os títulos das reportagens, aproximando o leitor dos fatos, buscando histórias e entrevistas que geram o sentimento de empatia às vítimas e de apatia em relação aos atiradores.

Neste sentido há uma relação com a fala Budó (2006) acerca do sensacionalismo com o qual os *media* abordam crimes de grande gravidade, indo contra o artigo 11º, II, do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (1987), corroborado pela opinião dos/as participantes do inquérito por questionário quando 12% afirmam dos *medias* tendem a não cumprir de forma literal os códigos de ética da profissão, 13% que dos *media* exageram na descrição que fazem dos crimes e 9% que retratam os crimes de formam sensacionalista.

Também se percebe o bombardeio de informações que atinge o leitor durante os seis dias consecutivos ao ataque à escola de Suzano, corroborando com Muschert & Schildkraut (2013) e Schildkraut (2016) quando referem a duração da cobertura do evento *school shootings* pelos *media*, dando a impressão de que o fenômeno é mais comum do que é na realidade e mantendo o sentimento de medo e insegurança da população, destacando aqui as respostas dadas pelos/as participantes do inquérito por questionário, quando questionados acerca do período de tempo em que sentiram dificuldade em lecionar após o Massacre de Suzano, conforme demonstrado nas Tabelas 11 e 12.

Na sequência, questionou-se quais as dinâmicas dos *school shootings*, e.g. seu planejamento, perfil das vítimas e dos agressores, levando-se em consideração o que é dito por Langman (2017) e por Kien et al. (2019) quanto ao processo de fantasia vivenciado pelos autores do *school shootings*, seguido de um planejamento que pode durar um longo período de tempo, o que de facto acontece no Massacre de Suzano, uma vez que há indicativos de que o ataque estava sendo planejado a aproximadamente 18 meses, conforme se verifica nas peças [2_2019/03/14], [13_2019/03/15] e [15_2019/03/16].

Nas reportagens [4_2019/03/14], [6_2019/03/16], [7_2019/03/16] e [8_2019/03/16] temos referência as teorias explicativas do fenómeno dos *school shootings*. Na peça [4_2019/03/14] a mãe de Guilherme afirma que o filho sofria na escola por ser vítima de *bullying*, justificando o seu comportamento nos jogos violentos que jogava, o que é refutado na peça [8_2019/03/16] aonde Dave Cullen, autor de um livro sobre *Columbine* afirma que não há ligação entres jogos violentos e o fenómeno dos *school shootings*, frisando aqui que no conteúdo da entrevista o autor referencia *Columbine* como sendo um marco no estudo do fenómeno.

Na peça [6_2019/03/16] é retratada a importância de afastar crianças e jovens das redes sociais nos dias subsequentes ao ataque, não apenas pelo perigo das *fake news*, mas sim pela necessidade de se falar sobre o assunto de forma mais próxima, deixando que os mesmos externalizem o que estão sentindo e observando sinais de depressão e ansiedade decorrentes do Massacre. Na peça [7_2019/03/16], por sua vez, é trazido a responsabilidade à escola, como instituição responsável por identificar e intervir nos conflitos, o que é ressaltado na peça [11_2019/03/15], aonde é mencionada a importância de se criar programas de mediação e resolução de conflitos dentro das escolas, visto o resultado ser muito melhor do que o reforça da segurança nas instalações.

As peças [5_2019/03/14], [17_2019/03/18] e [19_2019/03/19] tem como principal alvo de discussão o fácil acesso às armas brancas utilizadas pelos atiradores em Suzano, uma vez que são facilmente adquiridas, havendo na Lei nº 10.826/2003 (Lei do desarmamento) um vácuo no que diz respeito às armas brancas, mencionando ainda a facilidade que os jovens tem de aceder as armas de fogo dentro de suas próprias casas.

O *copycat effect* não é deixado de lado pelos *medias*, uma vez que na peça [9_2019/03/15] a jornalista traz a preocupação com o efeito contágio causado pela midiatização das notícias, fazendo uma crítica a forma como os Estados Unidos dá ênfase ao fenómeno do *school shootings*, novamente mencionando *Columbine*, o que é feito também nas peças [10_2019/03/15] e [12_2019/03/19].

Por fim, avalia-se em que medida os *media* influenciam na cultura do medo através dos resultados colhidos no inquérito por questionário, destacando os sentimentos de tristeza, medo, insegurança, impotência e preocupação que foram sentidos pela grande maioria dos/as participantes (cf. Tabela 8), seguido pela alteração de rotina pessoal e profissional dos mesmos, uma vez que várias instituições de ensino adotaram medidas de segurança mais rígidas após o ataque.

Apesar do presente estudo trazer uma amostra pequena, tanto de respostas aos inquéritos por questionário e reportagens, se percebe o quanto os *media* moldam o pensamento e a opinião do seu consumidor, o que se externaliza por meio do medo e da insegurança mesmo se tratando se um fenómeno incomum se comparado a demais tiroteios em massa que acontecem diariamente no Brasil. Por se tratar de um fenómeno que atinge um local que, em tese, representa segurança, a comoção e conseqüente venda de notícias é superior aos demais crimes, seguido pela ânsia de compreender os motivos que levam adolescentes e jovens a planejar e realizar esse tipo de ataque à vida.

Parte III – Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo principal compreender qual o papel desempenhado pelos *medias* na cultura do medo por meio da midiatização dos *school shootings*, utilizando-se do Massacre de Suzano, ocorrido no Brasil em 13 de março de 2019, como amostra de estudo na busca por atingir todos os objetivos traçados.

Em um primeiro momento a intenção do presente trabalho era entrevistar adolescentes sobre o impacto causado pelas notícias do Massacre de Suzano em suas vidas e rotinas escolas, todavia, devido ao tempo disponível para tratar do consentimento de um Instituição de Ensino para a realização das entrevistas e, posteriormente a recolha do consentimento pelos responsáveis pelos alunos menores de idade, a impossibilidade de estar no Brasil para realizar as entrevistas e os riscos apresentados, buscou-se outra alternativa.

A alternativa encontrada mostrou-se muito efetiva, sendo a realização de um questionário *online* direcionado para professores dos Ensinos Fundamental e Médio do Brasil, divulgado por meio das redes de contactos dos professores das mais diversas Instituições e Estados do Brasil.

Apesar dos resultados demonstrarem que os *medias* exercem influência sobre o nosso modo de pensar e agir acerca de um crime, tendo o poder de trazer o sentimento de insegurança e de medo quando bombardeia a população com notícias, em especial aqui as reportagens acerca do Massacre de Suzano recolhidas junto ao Jornal Folha de São Paulo e do resultado das Secções 4 e 5 dos questionários, deve-se frisar o fato da amostragem utilizada ser considerada pequena para determinar de forma concreta a influência dos *media* na cultura do medo.

Quanto ao questionário, as limitações encontradas se deram principalmente por conta da Pandemia do COVID-19, que afastou os professores das salas de aula, dificultando assim a divulgação do questionário junto as instituições de ensino e Secretarias de Educação do país, visto que houve redução de funcionários dentro dos órgãos públicos.

Ainda, importante frisar que a Pandemia do COVID-19 impossibilitou a divulgação do inquérito por questionário em Estados do Brasil que não faziam parte dos contactos da Equipa de Investigação, motivo pelo qual 52.94% (N=45) dos/as participantes são do Estado do Rio Grande do Sul, localizado ao Sul do Brasil, aonde até o presente momento nunca foi noticiado o acontecimento de um *school shootings*. O mesmo factor influencia haver apenas 3.53% (N=3) dos/as participantes afirmarem terem envolvimento direto com o Massacre de Suzano.

Quanto às reportagens, necessário se faz para investigações futuras um comparativo entre mais de um Jornal Impresso do país, podendo-se comparar inclusive o modo com que os *media* evoluem temporalmente analisando as reportagens publicas durante os meses posteriores ao Massacre, não apenas durante o mês do acontecimento.

Posto isso, para as futuras investigações sugere-se a aplicação de novo questionário buscando atingir um número maior de respostas e um estudo comparativo de diferentes jornais do país durante períodos de tempo distintos, para além de março de 2019.

Referências Bibliográficas

- Adorno, T. W., & Horkheimer, M. (1947). *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Recuperado de https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/fil_dialetica_esclarec.pdf.
- Altheide, D. L. (2009). The Columbine Shootings and the Discourse of Fear. *American Behavioral Scientist*, 52(10), 1354–1370. doi:10.1177/0002764209332552
- Alves, R. (2009). Violência na escola e da escola: desafios contemporâneos à Psicologia da Educação. *Psicologia Escolar e Educacional*, 13(2), 343-346. doi:10.1590/S1413-85572009000200018.
- Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2001). Effects of Violent Video Games on Aggressive Behavior, Aggressive Cognition, Aggressive Affect, Physiological Arousal, and Prosocial Behavior: A Meta-Analytic Review of the Scientific Literature. *Psychological Science*, 12(5), 353–359. doi:10.1111/1467-9280.00366
- Anderson, C.A., Shibuya, A., Ihori, N., Swing, E.L., Bushman, B.J., Sakamoto, A., Rothstein, H.R., & Saleem, M. (2010). Violent video game effects on aggression, empathy, and prosocial behavior in eastern and western countries: a meta-analytic review. *Psychological bulletin*, 136(2), 151-73.
- Andrade, V. R. P. de (2003). *Sistema penal máximo x cidadania mínima: Códigos da violência na era da globalização*. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora.
- Baierl, L. F. (2008). Medo Social: dilemas cotidianos. *Ponto-e-vírgula*, 3, 138-151. ISSN 1982-4807
- Bardin, L. (1979). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Basilio, A. L. (2019, 13 de março). Massacre de Suzano é o oitavo em escolas do Brasil desde 2002. *Carta Capital*. Recuperado de

<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/massacre-de-suzano-e-o-oitavo-em-escolas-do-brasil-desde-2002/>.

- Bauman, Z. (2008). *Medo Líquido*. (C. A. Madeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Binsfeld, A. R., Lisboa, C. S. M. (2010). Bullying: Um estudo sobre papéis sociais, ansiedade e depressão no contexto escolar do Sul do Brasil. *Interpersona*, 4 (1), 74-105.
- Blumer, H. (1969). *Symbolic Interactionism: Perspective and Method*. Los Angeles: University of California Press.
- Bonavides, P. & Andrade, P. (2004). *História constitucional do Brasil*. Brasília: OAB Editora.
- Braga, A., & Gastaldo, É. (2009). O legado de Chicago e os estudos de recepção, usos e consumos midiáticos. *Revista FAMECOS*, 16(39), 78-84. doi:10.15448/1980-3729.2009.39.5845.
- Brooks, M. C., & Brooks, J. S. (2013). What Can School Leaders Do About Violence in Schools? *Journal of Curriculum and Pedagogy*, 10(2), 115–118. doi:10.1080/15505170.2013.849627.
- Budó, M. D. (2006). Mídia e crime: a contribuição do jornalismo para a legitimação do sistema penal. *UNIrevista*, 1(3). ISSN 1809-4651.
- Burns, R., & Crawford, C. (1999). School shootings, the media, and public fear: Ingredients for a moral panic. *Crime, Law & Social Change*, 32, 147–168.
- Campos, L. V. (s.d.). Diferença entre posse e porte de armas. *Brasil Escola*. Recuperado de <https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/diferenca-entre-posse-porte-armas.htm>.
- Castro, D. (2014). Agenda-setting: hipótese ou teoria? Análise da trajetória do modelo de Agendamento ancorada nos conceitos de Imre Lakatos. *Intexto*, 0(31), 197-214. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/46390>

- Cecconello, A. M., De Antoni, C., & Koller, S. H.. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 8(spe), 45-54. doi:10.1590/S1413-73722003000300007
- Clabaugh, G. K., & Clabaugh, A. A. (2005). Bad apples or sour pickles? Fundamental attribution error and the Columbine massacre. *Educational Horizons*, 83(2), 81-86.
- Cruz, G. (2017, 05 de março). Mateus da Costa Meira, o atirador do cinema — São Paulo, 1999. *Evidência Criminal*. Recuperado de <https://medium.com/evid%C3%Aancia-criminal/mateus-da-costa-meira-o-atirador-do-cinema-s%C3%A3o-paulo-1999-ea13069fe2b9>.
- Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (1987). Recuperado de <http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>.
- Código Internacional Jornalístico (1978). Recuperado de <http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/principios-internacionais-da-etica-profissional-no-jornalismo/>.
- Coleman, L. (2004). *The Copycat Effect: How The Media And Popular Culture Trigger The Mayhem In Tomorrow'S Headlines*. New York: Paraview Pocket Books.
- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (1988, 05 de outubro). *Diário Oficial da União*, 05/10/1988.
- Cordeiro, T. (2017, 18 de abril). Como foi o Massacre de Columbine. *Revista Super Interessante*. Recuperado de <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-foi-o-massacre-de-columbine/>.
- Correia, A., Neves, S., Gomes, S., & Nogueira, C. (2017). O Femicídio na Intimidade sob o Olhar dos Media: Reflexões Teórico-Empíricas. *Gênero & Direito*, 6(1). doi:10.22478/ufpb.2179-7137.2017v6n1.29612

Decreto-lei n. 5.480, de 13 de maio de 1943 (1943, 13 de maio). Institue o curso de jornalismo no sistema de ensino superior do país, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Seção 1 - 20/5/1943, Página 7745.

Decreto-lei n. 83.284, de 13 de março de 1979 (1979, 13 de março). Dá nova regulamentação ao Decreto-Lei nº 972, de 17 de outubro de 1969, que dispõe sobre o exercício da profissão de jornalista, em decorrência das alterações introduzidas pela Lei nº 6.612, de 7 de dezembro de 1978. *Diário Oficial da União*, Seção 1, 13/3/1979, Página 3594.

Decreto-lei n. 9.847, de 25 de junho de 2019 (2019, 25 de junho). Regulamenta a Lei nº 10.826, de 22 de dezembro de 2003, para dispor sobre a aquisição, o cadastro, o registro, o porte e a comercialização de armas de fogo e de munição e sobre o Sistema Nacional de Armas e o Sistema de Gerenciamento Militar de Armas. *Diário Oficial da União*, Seção 1, Edição Extra - B - 25/6/2019, Página 1.

Decreto-lei n. 91.902, de 11 de novembro de 1985 (1985, 11 de novembro). Regulamenta a Lei nº 7.360, de 10 de setembro de 1985, que altera dispositivos do Decreto lei nº 972, de 17 de outubro de 1969. *Diário Oficial da União*, Seção 1, 12/11/1985, Página 16479

Decreto-lei n. 910, de 30 de Novembro de 1938 (1938, 30 de novembro). Dispõe sobre a duração e condições do trabalho em empresas jornalísticas. *Diário Oficial da União*, Seção 1 - 3/12/1938, Página 24335.

Doré, B., Leonard, O., Braverman, O., & Ochsner, K. N. (2015). Sadness shifts to anxiety over time and distance from the national tragedy in Newtown, Connecticut. *Psychol Sci.* 26, 363–373.

Eco, U. (1984). *Apocalípticos e integrados*. Spain: Editorial Lumen.

Elsass, H.J., Schildkraut, J., & Stafford, M.C. (2016). Studying School Shootings: Challenges and Considerations for Research. *American Journal of Criminal Justice*, 41, 444-464. doi: 10.1007/s12103-015-9311-9

- FBI (2018). A Study of Pre-Attack Behaviors of Active Shooters in the United States Between 2000 and 2013. United States: Department of Justice.
- FENAJ (2005). *Código de Ética dos Jornalistas brasileiros*. Vitória: Federação Nacional dos Jornalistas. Recuperado de http://www.fenaj.org.br/Leis/Codigo_de_Etica.html.
- Ferreira, G. B. (2018). *Sociologia dos novos media*. Covilhã: Editora LabCom.IFP.
- Glassner, B. (2004). Narrative Techniques of Fear Mongering. In *Social Research*, 71(4), 819-826. Retrieved from www.jstor.org/stable/40971980.
- Glassner, B. (1999). *The Culture of fear: Why Americans Are Afraid of the Wrong Things*. New York: Basic Books.
- Hügel, C. (2000). La patología de la comunicación o el discurso sobre criminalidad en los medios massivos. In E. A. Font, G. E. H. Ganón, & R. Sagarduy (Eds.), *Criminología crítica y control social* (39-49). Rosário: Juris.
- Kahn, T. (2002). *Cidades Blindadas: ensaios de criminologia*. São Paulo: Sicurezza.
- Kien, S., Begay, T., Lee, A., & Stefanidis, A. (2019). Social Media During the School Shooting Contagion Period. *Violence and Gender*, 6(4), 201–210. doi:10.1089/vio.2019.0043.
- Kleck, G. (2009). Mass Shootings in Schools. *American Behavioral Scientist*, 52(10), 1447–1464. doi:10.1177/0002764209332557.
- Langman, P. (2017). Different Types of Role Model Influence and Fame Seeking Among Mass Killers and Copycat Offenders. *American Behavioral Scientist*, 62(2), 210–228. doi:10.1177/0002764217739663.
- Leal, M. & Etges, H. A. (2006, setembro). *Análise de conteúdo: um estudo da editoria Mundo de Zero Hora*. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Brasil.
- Lei n. 10.826, de 22 de dezembro de 2003 (2003, 22 de dezembro). Dispõe sobre registro, posse e comercialização de armas de fogo e munição, sobre o Sistema Nacional de Armas –

- Sinarm, define crimes e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Seção 1, 23/12/2003, Página 1.
- Levin, J., & Madfis, E. (2009). Mass Murder at School and Cumulative Strain. *American Behavioral Scientist*, 52(9), 1227–1245. doi:10.1177/0002764209332543
- Lister, M., Dovey, J., Giddings, S., Grant, I., & Kelly, K. (2009). *New Media: a critical introduction* (2 ed.). New York: Taylor & Francis e-Library.
- Luhmann, N. (1995). *A realidade dos meios de comunicação* (C. M. Filho, Trad.). São Paulo: Paulus.
- Martins, E., & Szymanski, H. (2004). A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 4(1).
- Mena, F. (2019, 14 de março). Obsessão por game, abandono dos pais e bullying marcaram vida de atirador. *Folha de São Paulo*. Recuperado de <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/obsessao-por-game-abandono-dos-pais-e-bullying-marcaram-vida-de-atirador.shtml>.
- Morais, C. (s.d.). *Descrição, análise e interpretação de informação quantitativa: Escalas de medida, estatística descritiva e inferência estatística*. Bragança: IPB. Recuperado de <http://www.ipb.pt/~cmmm/discip/ConceitosEstatistica.pdf>.
- Muschert, G. W. (2007). Research in School Shootings. *Sociology Compass*, 1(1), 60–80. doi:10.1111/j.1751-9020.2007.00008.x.
- Muschert, G. W. (2019). Afterword: The Columbine Effect on Culture, Policy, and Me. *Journal of Contemporary Criminal Justice*, 00(0), 1-16. doi:10.1177/1043986219840238.
- Muschert, G., & Schildkraut, J. (2017). School Shootings in the Media. *Crime, Media, and Popular Culture Online*. doi: 10.1093/acrefore/9780190264079.013.106

- Mustafa, D., & Gutierrez, E. (2019, 1 de Agosto). Ensino em Portugal: veja como funciona e a qualidade do ensino no país. *Eurodicas*. Recuperado de <https://www.eurodicas.com.br/ensino-em-portugal/>.
- Olweus, D. A. (2010). Bullying in schools: facts and intervention. *Kriminalistik*, 64(6)
- OMS & ONU (2015). *Prevenindo a violência juvenil: um panorama das evidências*. Recuperado de <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/181008/9789241509251-por.pdf>.
- Paton, N. (2015). *School Shooting: La violence à l'ère de YouTube*. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme.
- Paolini, A. (2015). School Shootings and Student Mental Health: Role of the School Counselor in Mitigating Violence. *Ideas and Research You Can Use: VISTAS 2015*, 90. Recuperado de <https://www.counseling.org/docs/default-source/vistas/school-shootings-and-student-mental-health.p>.
- Porfírio, F. (s.d.). Escola de Frankfurt. *Brasil Escola*. Recuperado de <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/a-escola-frankfurt.htm>.
- Porto, G. (s.d.). Teoria Hipodérmica. *InfoEscola*. Recuperado de <https://www.infoescola.com/comunicacao/teoria-hipodermica/>.
- Reis, E. A., Reis I. A. (2002) Análise Descritiva de Dados. *Relatório Técnico do Departamento de Estatística da UFMG*. Recuperado do <http://www.est.ufmg.br/portal/arquivos/rts/rte0202.pdf>.
- Rodrigues, T. H. (2017). Mídias participativas e violências extremas: uma etnografia on-line dos tiroteios em escolas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 32(94), e329405. doi: 10.17666/329405/2017
- Rosário, R. do, & Bayer, D. A. (2014, 12 de dezembro). A formação de uma sociedade do medo através da influência da mídia. *Justificando*. Recuperado de

<http://www.justificando.com/2014/12/12/a-formacao-de-uma-sociedade-do-medo-atraves-da-influencia-da-midia/>.

- Sacco, V. F. (1995). Media Constructions of Crime. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 539(1), 141–154. doi:10.1177/0002716295539001011
- Santos, A. C. da R., & Saldanha, A. P. de S. (2010). O fluxo comunicacional e o agendamento na era da mídia digital: redefinição de paradigmas. *Iniciacom*, 2(2). Recuperado de <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/iniciacom/article/view/695>
- Sarmet, M. M., & Pilati, R. (2016). Efeito dos jogos digitais no comportamento: análise do General Learning Model. *Temas Em Psicologia*, 24(1), 17–31. doi:10.9788/tp2016.1-02
- Schildkraut, J. (2016). Mass Murder and the Mass Media: Understanding the Construction of the Social Problem of Mass Shootings in the US. *Journal of Qualitative Criminal Justice and Criminology*, 4(1), 1-41.
- Schildkraut, J., & Elsass, H.J. (2016). *Mass shootings: Media, myths, and realities*. Santa Barbara: Praeger.
- Schildkraut, J., & Muschert, G. W. (2013). Violent media, guns, and mental illness: The three ring circus of causal factors for school massacres, as related in media discourse. *Fast Capitalism*, 10(1), 23–43.
- Serra, J. P. (2007). *Manual de Teoria da Comunicação*. Covilhã: Livros Labcom.
- Silveira, F. L. da (2013, junho). *A cultura do medo e sua contribuição para a proliferação da criminalidade*. 2º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS.
- Stagman, S., & Cooper, J. L. (2010). *Children's mental health: What every policy maker should know*. Retrieved from http://www.nccp.org/publications/pub_929.html

- Surette, R. (2015). Measuring copycat crime. *Crime, Media, Culture: An International Journal*, 12(1), 37–64. doi:10.1177/1741659015601172.
- Thompson, S., & Kyle, K. (2005). Understanding mass school shootings: Links between personhood and power in the competitive school environment. *The Journal of Primary Prevention*, 26(5), 419-438.
- Thompson, S., & Kyle, K. (2005). Understanding Mass School Shootings: Links between Personhood and Power in the Competitive School Environment. *The Journal of Primary Prevention*, 26(5), 419–438. doi:10.1007/s10935-005-0006-8
- Towers, S., Gomez-Lievano, A., Khan, M., Mubayi, A. & Catillo-Chavez, C. (2015). Contagion in Mass Killings and School Shootings. s. PLoS ONE, 10(7), e0117259. doi:10.1371/journal.pone.0117259.
- Vieira, T. M., Mendes, F. D. C., & Guimarães, L. C. (2009). De columbine à virgínia tech: reflexões com base empírica sobre um fenômeno em expansão. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(3), 493-501. doi:10.1590/S0102-79722009000300021.
- Vossekuil, B., Fein, R. A., Reddy, M., Borum, R., & Modzeleski, W. (2004). *The final report and findings of the safe school initiative: Implications for the prevention of school attacks in the United States*. Washington, D.C.: United States Secret Service and United States Department of Education. Recuperado de <https://www2.ed.gov/admins/lead/safety/preventingattacksreport.pdf>.
- Wermuth, M. A. D. (2011). *Medo e Direito Penal: Reflexos da expansão punitiva na realidade brasileira*. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora.
- Wermuth, M. A. D. (2010). *A Dimensão (Des)Humana do Processo de Expansão do Direito Penal: o papel do medo no e do Direito Punitivo brasileiro e o disciplinamento das classes populares*. (Dissertação de Mestrado). Recuperado de <http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/MaiquelWermuthDireito.pdf>

Zaffaroni, E. R. (2001). *Em busca das penas perdidas: A perda da legitimidade do sistema penal* (5ª Ed.). Rio de Janeiro: Revan.

Anexo I - Grelha de registo

Jornal: Folha de São Paulo

Período: 14 a 20 de março

No que respeita à forma, são analisadas as seguintes variáveis:

- Variável 1: Número da peça
- Variável 2: Data da notícia
- Variável 3: Título informacional principal
- Variável 4: Título informacional secundário
- Variável 5: Elemento-chave no título
- Variável 6: Chamada de capa/Machete
- Variável 7: Autor da notícia
- Variável 8: Espaço ocupado
 - breve (até 1500)
 - ¼ página (entre 1500-2500)
 - ½ página (entre 2500-3500)
 - 1 página ou mais (+3500)
- Variável 9: Notícias com imagem
 - Com imagem
 - Sem imagem
 - Gráfico
- Variável 10: Tipo de imagem:
 - Vítima
 - Agressor
 - Imagem alusiva à vitimação
 - Polícia

- Escola
- Familiares da vítima
- Não se aplica

No que respeita ao conteúdo, são analisadas as seguintes variáveis:

- Variável 11: Local onde decorreu a ação
- Variável 12: Crimes praticados
- Variável 13: Objeto utilizado na prática do crime (arma de fogo, arma branca, estrangulamento, asfixia e outros)
- Variável 14: Idade das vítimas
- Variável 15: Idade dos atiradores
- Variável 16: Relação das vítimas com os atiradores
- Variável 17: Relação da vítima com os autores do crime
- Variável 18: Atividade profissional ou ocupacional das vítimas
- Variável 19: Atividade profissional ou ocupacional dos atiradores
- Variável 20: Sexo das vítimas
- Variável 21: Sexo dos atiradores
- Variável 22: Número de filhos das vítimas
- Variável 23: Idade do/s filhos das vítimas
- Variável 24: Fonte de informação referencial
- Variável 25: Fonte de informação citada
- Variável 26: Motivação para os crimes
- Variável 27: Comportamento dos atiradores após os crimes
- Variável 28: Ação policial durante os crimes
- Variável 29: Comportamento no local do crime
- Variável 30: Zonas do corpo da vítima atingidas

- Variável 31: Vítimas hospitalizadas

- Sim
- Não

- Variável 32: Vítimas pediram auxílio

- Variável 33: Pessoas que pediram auxílio para as vítimas

- Variável 34: Nome das vítimas

- Sim
- Não refere

- Variável 35: Nome dos atiradores

- Sim
- Não refere

REPRODUÇÃO NÃO AUTORIZADA

Anexo II – Dados das Reportagens

No presente Anexo podem ser encontradas algumas tabelas referentes à análise de conteúdo realizada nas reportagens.

Quanto à forma

Tabela Anexo 2.1

Título informacional secundário

Codificação	Título Informacional Principal
[1_2019/03/14]	Em ação anterior, dupla matou parente; Após ataque, um atitou no outro e depois se suicidou; Revólver calibre 38, carregadores, machado e besta foram utilizados
[2_2019/03/14]	Cinco estudantes e duas funcionárias do colégio estadual Professor Raul Brasil, além do tio do atirador, foram mortos; assassino de 17 anos matou o de 25 e de matou após ataque na grande SP; Crime era planejado há 18 meses, diz policial
[3_2019/03/14]	Ex-alunos mataram 5 estudantes, 2 funcionárias do colégio e empresário de lava jato vizinho
[4_2019/03/14]	Guilherme Tauci e Luiz Henrique de Castro cresceram na mesma rua e jogavam games juntos
[5_2019/03/14]	Armas brancas usadas no massacre em Suzano podem ser comprados na internet
[6_2019/03/14]	Notícias feras podem piorar estado emocional; sinais de alerta indicam quando a saúde mental não está bem
[7_2019/03/14]	Não se aplica
[8_2019/03/15]	Dave Cullen, que escreveu livro sobre Columbine, diz que se criou mito de que atiradores eram vítimas de bullying
[9_2019/03/15]	Não se aplica
[10_2019/03/15]	Não se aplica

[11_2019/03/15]	Sargento e dois colegas responderam a chamado em Suzano e receberam carinho de aluno resgatado
[12_2019/03/15]	Barreiras e alarmes podem ser úteis, mas estudiosos recomendam programas de mediação e de diálogo
[13_2019/03/15]	Adolescente de 17 anos teria participado da elaboração do crime em Suzano, na Grande São Paulo
[14_2019/03/16]	Não se aplica
[15_2019/03/16]	Polícia, porém, dia que jovem ainda é investigado; Promotoria não encontrou indícios para denunciá-lo
[16_2019/03/18]	Massacre em Suzano (SP) foi comemorado em comunidades que são ponto de encontro de criminosos na dark web
[17_2019/03/18]	Massacre gera debate sobre facilitar posse; para defensor, é essencial ver como armas eram guardadas
[18_2019/03/18]	Não se aplica
[19_2019/03/19]	Promotoria apura terrorismo doméstico; advogados veem a falta de previsão legal
[20_2019/03/19]	Rhyllary de Souza, 15, usou jiu-jitsu para se defender de ataque em Suzano 'maginei no tatame', diz garota que enfrentou assassino
[21_2019/03/19]	Não se aplica
[22_2019/03/19]	Justiça determinou internação de adolescente por 45 dias; defensor diz que não teve acesso a provas
[23_2019/03/19]	Não se aplica

Tabela Anexo 2.2

Sexo do(s) autor(es/as) das reportagens

Autores das reportagens	Porcentagem=(soma)
Homem	30.4% (N=7)
Mulher	26.1% (N=6)

Múltiplos autores	21.7% (N=5)
Omissos	13% (N=3)

Tabela Anexo 2.3

Notícias com imagem

Imagem	Percentagem=(soma)
Com imagem	69.6% (N=16)
Sem imagem	30.4% (N=4)

Tabela Anexo 2.4

Espaço ocupado

Imagem	Percentagem=(soma)
Breve (até 1.500)	8.7% (N=2)
¼ página (entre 1500-2500)	30.4% (N=7)
½ página (entre 2500-3500)	43.5% (N=10)
1 página ou mais (+3.500)	17.4% (N=4)

Quanto ao conteúdo

Tabela Anexo 2.5

Fonte de informação referencial

Fonte referenciada	Percentagem=(soma)
Alunos, professores e familiares	4.3% (N=1)
Colegas das vítimas	4.3% (N=1)
Dave Cullen	4.3% (N=1)
Delegado de Polícia	4.3% (N=1)
Delegado de Polícia; Juíza de Direito; Testemunhas	4.3% (N=1)

Familiares	4.3% (N=1)
Hospital Santa Maria; Secretário da Educação	4.3% (N=1)
Mãe e avó de Guilherme; Vizinha da família	4.3% (N=1)
Não se aplica	8.7% (N=2)
Pesquisador de Segurança	4.3% (N=1)
Polícia Militar	8.7% (N=2)
Polícia Militar; Ministério Público; Pesquisadores	4.3% (N=1)
Polícia Militar; Ministério Público; Familiar	4.3% (N=1)
Polícia Militar; Secretaria Estadual da Educação de SP, Governador de São Paulo	4.3% (N=1)
Promotor de Justiça; Advogado Criminalista	4.3% (N=1)
Psicóloga Beatriz Moura	4.3% (N=1)
Rhyllary de Sousa	4.3% (N=1)
Secretaria da Educação de SP	8.7% (N=2)
Secretaria de Segurança Pública	4.3% (N=1)
Segio Modato	4.3% (N=1)

Tabela Anexo 2.6

Referencia a ação policial

Autores das reportagens	Porcentagem=(soma)
Sim	34.8% (N=8)
Não	21.7% (N=5)
Não se aplica	43.5% (N=10)

Anexo III – Dados do Inquérito por questionário

No presente Anexo podem ser encontradas maiores informações acerca do inquérito por questionário, em conformidade com as secção do mesmo.

Secção 1 - O papel dos média na expansão do medo nos casos de tiroteios escolares no Brasil: uma abordagem às perspetivas dos/as professores/as

Este inquérito faz parte de pesquisa realizada para a Dissertação de Mestrado em Criminologia da aluna Ana Luísa Dessoey Weiler, sob orientação da Professora Doutora Sofia Neves, do Instituto Universitário da Maia (ISMAI), Portugal.

O seu objetivo é compreender as perspetivas dos/as professores/as sobre a influência do papel dos Média na expansão do medo junto das escolas brasileiras de Ensino Fundamental e Médio, após o Massacre de Suzano, ocorrido em 13 de março de 2019 na Escola Estadual Professor Raul Brasil, no município de Suzano (São Paulo, Brasil).

O inquérito deve, pois, ser preenchido por professores/as de Ensino Fundamental e/ou Médio no exercício ativo das suas funções em 2019, aquando do Massacre de Suzano.

A colaboração de todos/as nesta pesquisa é fundamental. Não há respostas certas ou erradas.

Todos os preceitos éticos estão devidamente acautelados pela equipa de investigação, nomeadamente aqueles que dizem respeito ao anonimato e confidencialidade.

Muito agradecemos a sua colaboração.

Equipe de investigação:

Ana Luísa Dessoey Weiler (mestranda)

Sofia Neves (orientadora)

Secção 2 - Caracterização sociodemográfica

Algumas das informações referentes às caracterizações sociodemográficas que não foram postas no corpo do texto, podem ser aqui encontradas

Tabela Anexo 3.1

Estado Civil dos/as participantes

Estado Civil	Percentagem=(soma)
Casados	61.18% (N=52)

Solteiros	21.18% (N=18)
Divorciados	12.94% (N=11)
União estável	2.35% (N=2)
Viúvo	2.35 (N=2)

Tabela Anexo3.2

Há quantos anos exerce a profissão de professor/a?

Intervalo de tempo	Porcentagem=(soma)
[0-5]	11% (N=9)
[6-10]	16% (N=14)
[11-15]	7% (N=6)
[16-20]	21% (N=18)
[21-25]	18% (N=15)
[26-30]	11% (N=9)
[31-35]	9% (N=8)
[36-38]	7% (N=6)

Tabela Anexo3.3

Estado aonde residiam os/as participantes em março de 2019

Estado do Brasil	Porcentagem=(soma)
Mato Grosso	3.53% (N=3)
Mato Grosso do Sul	1.18% (N=1)
Paraná	5.88% (N=5)
Rio de Janeiro	10.59% (N=9)
Rio Grande do Sul	52.94% (N=45)
Santa Catarina	2.35% (N=2)

São Paulo	22.35% (N=19)
Não residia no Brasil	1.18% (N=1)

Tabela Anexo3.4

*Secção 3 - Caracterização dos hábitos pessoais de consumo dos media**Qual ou quais o(s) Jornal(ais) Impresso(s) que costuma ler?*

Nome do Jornal	Percentagem (N=soma)
Correio do Povo	9% (N=9)
Folha de São Paulo	14% (N=10)
Folha Popular	4% (N=3)
Gazeta	3% (N=2)
Jornal da Manhã	16% (N=11)
Jornal Estadão	10% (N=7)
Zero Hora	20% (N=14)
O Alto Uruguai	3% (N=2)
O Globo	3% (N=2)
Jornal NH	3% (N=2)
Outros	14% (N=10)

Secção 4 - Caracterização dos impactos das notícias sobre crimes

Tabela Anexo3.5

Quais os tipos de crimes mais noticiados pelos medias?

Opções de Resposta	Percentagem (N=soma)
Crimes contra as pessoas	63.84% (N=83)
Crimes contra o património	10.76% (N=14)
Crimes fiscais	13.07% (N=17)

Crimes contra o Estado	12.30% (N=16)
------------------------	---------------

Secção 5 - Caracterização dos impactos das notícias sobre tiroteios em massa em contexto escolar

Anexo IV traz as respostas dos/as participantes quanto a descrição do Massacre de Suzano.

Tabela Anexo3.6

Em qual ou quais Estado(s) do Brasil sabe terem ocorrido um ou mais casos de school shootings?

Estado do Brasil	Porcentagem (N=soma)
Distrito Federal	1.2% (N=1)
Goiás	3.5% (N=3)
Minas Gerais	3.5% (N=3)
Paraná	3.5% (N=3)
Rio de Janeiro	45.9% (N=39)
Rio Grande do Norte	1.2% (N=1)
Rio Grande do Sul	12.9% (N=11)
Santa Catarina	2.4% (N=2)
São Paulo	91.8% (N=78)
Não se aplica	2.4% (N=2)

Secção 6 - Recursos na área de violência escolar

Caso sinta necessidade de receber algum tipo de apoio, dirigido a si ou aos/às seus/suas alunos/as, deve entrar em contacto com as entidades competentes.

Anexo IV - Descrição do Massacre de Suzano pelos participantes do questionário

O presente anexo traz as 67 respostas obtidas no inquérito por questionário na questão aonde foi solicitado que descrevessem o Massacre de Suzano, frisando que a questão não era de carácter obrigatório.

“Adolescentes adentraram a escola, ocasionando um massacre com 10 mortos, incluindo os assassinos. Algo inescrupuloso, com a desculpa de terem ocorrido bullying e isolamento social.”

“O Massacre de Suzano foi um massacre escolar ocorrido em 13 de março de 2019, na Escola Estadual Professor Raul Brasil no município de Suzano, no estado de São Paulo. A dupla de atiradores Guilherme Tauci Monteiro e Luiz Henrique de Castro, ambos ex-alunos, mataram cinco estudantes e duas funcionárias da escola. Antes do ataque, num comércio próximo à escola, a dupla também matou o tio de um dos assassinos. Após o massacre, um dos atiradores matou o comparsa e em seguida cometeu suicídio.”

“Foi o oitavo ataque a uma escola no Brasil e o planejamento durou cerca de um ano.”

“Ex aluno, entrou atirando fazendo diversas vítimas, alunos, funcionários mesmo com câmeras de monitoramento não se amedrontou. Após deu fim em sua própria vida. Isso que lembro do episódio.”

“Massacre ocorrido na E.Prof Raul Brasil, a dupla de atiradores mataram cinco estudantes e duas funcionárias da escola.”

“Locura vingança covardia”

“Lamentável, com vítimas fatais e perplexidade”

“Um exemplo de que a sociedade está a mercê da própria sorte, até mesmo em um lugar que deveria ser sagrado pois tem como objetivo abrir mentes e trazer conhecimento.”

“Fato ocorrido dentro da escola, envolvendo 2 ex-alunos (agressores) e alunos e professores (vítimas) houve mortes cuja motivação estaria ligada a situações de bullying.”

“Dois jovens invadiram a escola e assassinaram 5 estudantes e 2 professoras. Tentaram imitar um massacre ocorrido nos EUA. Depois se suicidaram.”

“Agressores influenciados negativamente por mídias sociais”

“Massacre escolar que aconteceu em março de 2019 em uma escola Municipal, em que 2 garotos mataram 5 alunos”

“Um rapaz armado entrou na escola atirando”

“Duas pessoas forçaram a entrada na escola e realizaram um verdadeiro massacre contra alunos e funcionários, muita gente foi morta e muitas outras ficaram feridas antes de eles cometerem suicídio.”

“ALUNOS ENTRAM NA ESCOLA E ATIRAM CONTRA COLEGAS E PROFESSORES”

“Um rapaz entrou na escola e começou a atacar as pessoas que estivessem na sua frente”

“Lamentável”

“Dois jovens perturbados mentalmente entram numa escola e mata a sangue frio adolescentes.”

“Um deles ainda quer ter certeza de que os jovens atingidos estejam mortos, agredindo na cabeça das crianças já alvejadas, caídas.”

“O que impressiona é que o ataque,foi planejado por duas pessoas de faixas etárias distintas. e em nenhum momento um deles foi capaz de questionar a ação antes qe levassem a cabo a execução de jovens estudantes.”

“Foram dois ex alunos que entraram dentro da escola que vieram com carro branco, e foram direto para o setor de coordenação e la mataram a coordenadora e mais um , depois foi para patio e foram atirando e matando , uma professora colocou barricada na biblioteca e a merendeira também protegeram os alunos, eles antes mataram o tio (se não me engano) e depois foram para a escola , eles mataram e depois que a policia chegou se mataram e foram dois alunos gravemente para Mogi das Cruzes porque Suzano faz divisa com Mogi e la tem um suporte maior, mas se não me engano morreram.”

“Ex aluno entrou na escola e começou atirar em alunos e professors,alem de um familiar na rua.”

“Questões familiares, o bullying na escola...”

“O Massacre de Suzano foi um massacre escolar ocorrido no dia 13 de março de 2019, na Escola Estadual Professor Raul Brasil no município de Suzano, no estado de São Paulo. A dupla de atiradores ambos ex-alunos, mataram cinco estudantes e duas funcionárias da escola.”

“Triste realidade .”

“Horrorizante”

“Dois jovens entram na Escola o de estudaram no passado e fazem vários disparos, terminando com grande número de feridos”

“Um crime premeditado, influenciado por problemas psiquiátricos.”

“Tiroteio com varias vitimas. Morreu varios. Alguns feridos.”

“Falta de segurança, um absurdo.”

“Dois jovens entraram na escola pelo”

“Portão principal à secretaria, por se tratar de ex aluno o portão foi aberto, no entanto os jovens estavam armados e imediatamente ao se aproximarem da secretaria começaram o massacre. Vários estudantes foram atingidos, alguns fatais, muita correria e desespero, alguns estudantes conseguiram sair para a rua, algumas afaimadas acolheram alguns jovens até a chegada da polícia/ familiares. Na escola os agressores após o Massacre , comentaram suicídio.”

“Uma tragédia que nos alerta para a falta de participação ativa dos pais na vida dos filhos, bem como dos professores e gestores escolares para tentar identificar pessoas com distúrbios psicológicos que possam representar riscos contra sua própria vida e da sociedade.”

“Um adolescente, q sofria bullying na escola, portando arma de fogo, acompanhado por um amigo que portava tbm uma machadinha adentraram a escola e foram atirando indiscriminadamente ...muitos morreram.”

“Uma tragédia, mataram pessoas inocente s.”

“Jovens entraram na escola, velotando os alunos”

“Ex alunos invadiram a escola para matar estudantes e professores, com objetivo de vingar bullying que haviam sofrido anteriormente!!!”

“Jovens armados, atirando aleatoriamente”

“Dois jovens entraram na escola atirando nas pe ssoas. Uma tragédia.”

“Lamentavel”

“Dois adolescentes entraram na escola e atiraram em alunos e professores.”

“Dois adolescentes invadiram uma escola na hora do intervalo e mataram funcionários e colegas de escola.”

“Eu me senti impotente perante tudo, imaginei na escola que atuo.... muito triste um ex aluno entrar na escola e cometer esse crime indiscriminadamente.”

“Dois jovens invadiram o colégio e atacaram alunos, professores e funcionários que estavam no local. Um matou o outro e, em seguida, se matou.”

“2 rapaz entrou matando e ferindo quem estava no caminho deles. Foi horrível”

“Terrível, insano!”

“ALUNO INVADE UMA ESCOLA E ATIRA CONTRA ALUNOS E PROFESSORES.”

“Dois rapazes sendo um ex aluno adentraram na escola, armados e vitimando alunos, professores e funcionarios que estavam nos corredores.”

“Nao recordo dos detalhes”

“Escola aberta sem segurança (porteiro)”

“Houve uma invasão a escola, adolescentes portando armas de fogo atiraram por todos os lados, provocando terror e pânico. Deixando mortos e feridos.”

“Fiquei sabendo, primeiramente, por meio dos meus alunos, que, durante o recreio, receberam mensagens via celular.”

“Acho que o que mexeu mais comigo foi a gravidade e a frieza, pois não somente pelos tiros, mas também pelas pessoas feridas com a machadinha.”

“Não consigo descrever esse evento sem sentir uma energia muito ruim.”

“adolescente com problemas matou outros adolescentes, ou uma pessoa com problemas viu na morte a solução dos seus problemas, ou uma pessoa com problema matou outras pessoas.”

“Um exaluno do colégio, em um surto psicóticos, invadiu a escola armado com uma machadinha e facão, golpeou alunos e professores da escola, ate se contido por alunos da propria escola e policiais.”

“Os agressores eram ex-alunos e infelizmente tiraram a vida de alunos e alguns funcionários da escola. No final também houve suicídio, infelizmente.”

“Ex aluno entrou na escola e atirou em pessoas que viu pela frente”

“Um crime que iniciou nas redes sociais. Tudo premeditado.”

“A facilidade de entrar na instituição, de conseguir arma de fogo e o psicológico doentio do atirador foi o cenário da tragédia”

“Dois jovens entraram pelo portão da escola é atiraram em quem viam pela frente.”

“Ex aluno entrou na escola e matou estudantes à facada”

“Um crime que poderia ser evitado.”

“Inexplicavel”

“Acontecimento muito triste e diabólico.”

“Exaluno entraram atirando e vitimaram alunos e funcionários e depois cometeu suicídio. Não sei muitos detalhes.”

“Uma atitude de dois jovens que queriam destaque pela mídia através de uma grande tragédia.”

“Dois jovens entram na escola armados e encerralam e atiram nos alunos e funcionários”

“Foi um crime muito bárbaro, ou seja, chocante mostrando que falta em nossas escolas segurança.”

“adolescentes entrando na escola e atacando outros adolescentes”

“Dois jovens invadiram a escola e mataram alunos e funcionários da escola e se suicidaram.”